clarice lispector

crônicas para jovens

de amor e amizade

clarice lispector
crônicas para jovens

de amor e amizade

ORGANIZAÇÃO
Pedro Karp Vasquez

ROCCO JOVENS

******ebook converter DEMO Watermarks*******

sumário

Para pular o Sumário, clique aqui.

Apresentação

De amor e amizade

Amor imorredouro

A favor do medo

Uma revolta

A descoberta do mundo

Ao que leva o amor

Quem escreveu isto?

Vida natural

Um homem

Homem se ajoelhar

Por não estarem distraídos

O primeiro beijo

Viagem de trem

Desencontro

A comunicação muda

O presente

Mas há a vida

Dar-se enfim

Por causa de um bule de bico rachado

Por quê?

Sem aviso

******ebook converter DEMO Watermarks*******

Uma história de tanto amor
Nossa truculência
Amor
Amor, quati, cão, feminino e masculino
As grandes punições
Lúcio Cardoso
As dores da sobrevivência: Sérgio Porto
San Tiago
Tanto esforço
Prece por um padre
Um pedido
O grito
O suéter
Olhava longe, sem rancor
Liberdade
Amor a Ele
Três encontros que são quatro
Dies Irae
O grupo
Supondo o certo
Os grandes amigos
Uma experiência
Saudade
Créditos
A Autora

******ebook converter DEMO Watermarks*******

******ebook converter DEMO Watermarks*******

apresentação

Clarice Lispector conseguiu uma proeza raríssima no âmbito da literatura brasileira: a de conquistar, simultaneamente, o respeito da crítica e da comunidade acadêmica e o do público, a ponto de ultrapassar o discreto interesse manifestado de hábito pelos leitores em relação aos seus autores preferidos para adquirir feições de uma verdadeira adoração.

Com efeito, decorridas mais de três décadas de seu falecimento, o interesse pela obra de Clarice só faz aumentar, sobretudo entre as novas gerações, nascidas após sua morte, ocorrida em 1977. Como explicar esse fenômeno, num país em que, infelizmente, bons autores costumam deslizar silenciosamente para o ostracismo quando param de produzir, permanecendo no limbo literário até que algum estudioso os resgate do esquecimento? E, sobretudo, como explicar o aumento de popularidade junto ao público jovem de uma autora que em vida foi, com frequência, qualificada de "hermética"?

Quem dá a chave do mistério é a própria Clarice, ao comentar num breve texto de oito linhas o prêmio recebido por seu livro infantil *O mistério do coelho pensante*: "Fiquei contente, é claro. Mas muito mais contente ainda ao me ocorrer que me chamam de escritora hermética. Como é? Quando escrevo para crianças, sou compreendida, mas quando escrevo para adultos fico *difícil*? Deveria eu escrever para os adultos com as palavras e os sentimentos adequados a uma criança? Não posso falar de igual para igual?" E conclui esse comentário indagativo com uma expressão de enfado em relação a esse falso problema: "Mas, oh Deus, como tudo isso tem pouca importância." O tempo – benigno apenas em relação aos bons autores – demonstrou que ela estava certa e que sua obra superou todos os falsos questionamentos para se firmar como uma das mais importantes, universais e perenes da literatura da língua portuguesa como um todo e não somente daquela produzida no Brasil. Demonstrou ainda que Clarice não é hermética, tampouco difícil, e sim profunda. Tão profunda e consistente quanto uma fonte em que podem se abeberar sem risco de esgotamento gerações sucessivas de leitores, das mais diversas idades e das mais variadas origens.

No período em que colaborou com o *Jornal do Brasil*, entre agosto de 1967 e dezembro de 1974, esteve mais próxima que nunca do seu público, chegando a

******ebook converter DEMO Watermarks*******

responder a cartas dos leitores e a escrever textos baseados em sugestões ou questionamentos que estes fizeram. Clarice foi contratada com a missão de escrever uma crônica semanal, porém fez muito mais do que isto, pois não se conformou em se manter presa às regras do gênero, chegando inclusive a empregar seu espaço no jornal como uma espécie de oficina de testes para ideias posteriormente retrabalhadas em alguns dos livros que publicou na época. Ela mesma reconheceu: "Sei que o que escrevo aqui não se pode chamar de crônica nem de coluna nem de artigo." Foi, portanto, uma cronista sem igual e sem sucessores, muito embora outros autores tenham tentado imitar sem sucesso sua sábia mistura de observações das miudezas do cotidiano com os vastos voos do espírito.

Reunimos aqui uma série dessas crônicas tão originais, focalizando os temas do amor e da amizade, temas universais e interligados que fazem parte da vida de todos nós e que Clarice trata com seu estilo único e inconfundível. Com toda certeza, a leitura dessa pequena coletânea será uma experiência inspiradora para os jovens leitores que estão começando a descobrir os mistérios e os prazeres do amor e da amizade, e um sopro de renovação e reflexão para os leitores mais maduros que já os descobriram. Mas, que, fazendo suas as palavras de Clarice, sabem que não podem viver automaticamente, pois precisam "de amparo e é do amparo do amor". Não é disso que todos precisamos?

– Pedro Karp Vasquez

******ebook converter DEMO Watermarks*******

de amor e amizade

******ebook converter DEMO Watermarks*******

******ebook converter DEMO Watermarks*******

amor imorredouro

Ainda continuo um pouco sem jeito na minha nova função daquilo que não se pode chamar propriamente de crônica. E, além de ser neófita no assunto, também o sou em matéria de escrever para ganhar dinheiro. Já trabalhei na imprensa como profissional sem assinar. Assinando, porém, fico automaticamente mais pessoal. E sinto-me um pouco como se estivesse vendendo minha alma. Falei nisso com um amigo que me respondeu: mas escrever é um pouco vender a alma. É verdade. Mesmo quando não é por dinheiro, a gente se expõe muito. Embora uma amiga médica tenha discordado: argumentou que na sua profissão dá sua alma toda, e no entanto cobra dinheiro porque também precisa viver. Vendo, pois, para vocês com o maior prazer uma certa parte de minha alma – a parte de conversa de sábado.

Só que, sendo neófita, ainda me atrapalho com a escolha dos assuntos. Nesse estado de ânimo estava eu quando me encontrava na casa de uma amiga. O telefone tocou, era um amigo mútuo. Também falei com ele, e, é claro, anunciei-lhe que minha função era escrever todos os sábados. E sem mais nem menos perguntei: "o que mais interessa às pessoas? Às mulheres, digamos". Antes que ele pudesse responder, ouvimos do fundo da enorme sala a minha amiga respondendo em voz alta e simples: "O homem." Rimos, mas a resposta é séria. É com um pouco de pudor que sou obrigada a reconhecer que o que mais interessa à mulher é o homem.

Mas que isso não nos pareça humilhante, como se exigissem que em primeiro lugar tivéssemos interesses mais universais. Não nos humilhemos, porque, se perguntarmos ao maior técnico do mundo em engenharia eletrônica o que é que mais interessa ao homem, a resposta íntima, imediata e franca será: a mulher. E de vez em quando é bom lembrarmo-nos dessa verdade óbvia, por mais encabulante que seja. Hão de perguntar: "mas, em matéria de gente, não são os filhos o que mais nos interessa?" Isto é diferente. Filhos são, como se diz, a nossa carne e o nosso sangue, e nem se chama de interesse. É outra coisa. É tão outra coisa que qualquer criança do mundo é como se fosse nossa carne e nosso sangue. Não, não estou fazendo literatura. Um dia desses me contaram sobre uma menina semiparalítica que precisou se vingar quebrando um jarro. E o sangue dela me doeu todo. Ela era uma filha colérica.

O homem. Como o homem é simpático. Ainda bem. O homem é a nossa fonte de inspiração? É. O homem é o nosso desafio? É. O homem é o nosso inimigo? É. O

******ebook converter DEMO Watermarks*******

homem é o nosso rival estimulante? É. O homem é o nosso igual ao mesmo tempo inteiramente diferente? É. O homem é bonito? É. O homem é engraçado? É. O homem é um menino? É. O homem também é um pai? É. Nós brigamos com o homem? Brigamos. Nós não podemos passar sem o homem com quem brigamos? Não. Nós somos interessantes porque o homem gosta de mulher interessante? Somos. O homem é a pessoa com quem temos o diálogo mais importante? É. O homem é um chato? Também. Nós gostamos de ser chateadas pelo homem? Gostamos.

Poderia continuar com essa lista interminável até meu diretor mandar parar. Mas acho que ninguém mais me mandaria parar. Pois penso que toquei num ponto nevrálgico. E sendo um ponto nevrálgico, como o homem nos dói. E como a mulher dói no homem.

Com a minha mania de andar de táxi, entrevisto todos os choferes com quem viajo. Uma noite dessas viajei com um espanhol ainda bem moço, de bigodinho e olhar triste. Conversa vai, conversa vem, ele me perguntou se eu tinha filhos. Perguntei-lhe se ele também tinha, respondeu que não era casado, que jamais se casaria. E contou-me sua história. Há catorze anos amou uma jovem espanhola, na terra dele. Morava numa cidade pequena, com poucos médicos e recursos. A moça adoeceu, sem que ninguém soubesse de quê, e em três dias morreu. Morreu consciente de que ia morrer, predizendo: "Vou morrer em seus braços." E morreu nos braços dele, pedindo: "Que Deus me salve." O chofer durante três anos mal conseguiu se alimentar. Na cidade pequena todos sabiam de sua paixão e queriam ajudá-lo. Levaram-no para festas, onde as moças, em vez de esperar que ele as tirasse para dançar, pediam-lhe para dançar com elas.

Mas de nada adiantou. O ambiente todo lembrava-lhe Clarita – este é o nome da moça morta, o que me assustou porque era quase meu nome e senti-me morta e amada. Então resolveu sair da Espanha e nem avisar aos pais. Informou-se de que só dois países na época recebiam imigrantes sem exigir carta de chamada: Brasil e Venezuela. Decidiu-se pelo Brasil. Aqui enriqueceu. Teve uma fábrica de sapatos, vendeu-a depois; comprou um bar-restaurante, vendeu-o depois. É que nada importava. Resolveu transformar seu carro de passeio em carro de praça e tornou-se chofer. Mora numa casa em Jacarepaguá, porque "lá tem cachoeiras de água doce (!) que são lindas". Mas nesses catorze anos não conseguiu gostar de nenhuma mulher, e não tem "amor por nada, tudo dá no mesmo para ele". Com delicadeza o espanhol deu a entender que no entanto a saudade diária que sente de Clarita não atrasa sua vida, que ele consegue ter casos e variar de mulheres. Mas amar – nunca mais.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

Bom. Minha história termina de um modo um pouco inesperado e assustador.

Estávamos quase chegando ao meu ponto de parada, quando ele falou de novo na sua casa em Jacarepaguá e nas cachoeiras de *água doce*, como se existissem de água salgada. Eu disse meio distraída: "Como gostaria de descansar uns dias num lugar desses."

Pois calha que era exatamente o que eu não devia ter dito. Porque, sob o risco de enveredar com o carro por alguma casa adentro, ele subitamente virou a cabeça para trás e perguntou-me com a voz carregada de intenções: "A senhora quer mesmo?! Pois pode vir!" Nervosíssima com a repentina mudança de clima, ouvi-me responder depressa e alto que não podia porque ia me operar e "ficar muito doente" (!). Dagora em diante só entrevistarei os choferes bem velhinhos. Mas isso prova que o espanhol é um homem sincero: a saudade intensa por Clarita não atrasa mesmo sua vida.

O final dessa história desilude um pouco os corações sentimentais. Muita gente gostaria que o amor de catorze anos atrasasse e muito a sua vida. A história ficaria melhor. Mas é que não posso mentir para agradar vocês. E além do mais acho justo que a vida dele não fique totalmente atrasada. Já basta o drama de não conseguir amar ninguém mais.

Esqueci de dizer que ele também contou histórias de negócios comerciais e de desfalques – a viagem era longa, o tráfego péssimo. Mas encontrou em mim ouvidos distraídos. Só o que se chama de *amor imorredouro* tinha me interessado. Agora estou lembrando vagamente do desfalque. Talvez, concentrando-me, eu me lembre melhor, e conte no próximo sábado. Mas acho que não interessa.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

a favor do medo

Estou certa de que através da Idade da Pedra fui exatamente maltratada pelo amor de algum homem. Data desse tempo um certo pavor que é secreto.

Ora, em noite cálida, estava eu sentada a conversar polidamente com um homem cavalheiro que era civilizado, de terno escuro e unhas corretas. Estava eu, como diria Sérgio Porto, posta em sossego e comendo umas goiabinhas. Eis senão quando diz o Homem: "Vamos dar um passeio?"

Não. Vou dizer a verdade crua. O que ele disse foi: "Vamos dar um *passeíto*?"

Por que *passeíto* jamais tive tempo de saber. Pois que imediatamente, da altura de milhares de séculos, rolou em fragor a primeira pedra de uma avalancha: meu coração. Quem? Quem já me levou na Idade da Pedra para um *passeíto* do qual nunca mais voltei porque lá morando fiquei?

Não sei que elemento de terror existirá na delicadeza monstruosa da palavra *passeíto*.

Rolando o meu primeiro coração, engolida atrozmente a goiabinha – estava eu ridiculamente assustada diante de um improvável perigo.

Improvável digo hoje muito assegurada que estou pelos brandos costumes, pela polícia áspera, e por mim mesma fugidia que nem a mais mimética das enguias. Mas bem queria saber o que eu outrora diria, na Idade da Pedra, quando me sacudiam, quase macaca, da minha frondosa árvore. Que nostalgia, preciso passar uns tempos no campo.

Engolida, pois, a minha goiabinha, empalideci sem que a cor civilizadamente me abandonasse o rosto: o medo era vertical demais no tempo para deixar vestígios na superfície. Aliás não era medo. Aliás era o terror. Aliás era a queda de todo o meu futuro. O homem, este meu igual que me tem assassinado por amor, e a isto se chama de amar, e é.

Passeíto? Assim também diziam para chapeuzinho vermelho, que esta só mais tarde cuidou de se cuidar. "Vou é me acautelar, por via das dúvidas debaixo das folhas hei de morar" – de onde me vinha essa toada? Não sei, mas boca de povo em Pernambuco não erra.

Que me desculpe o Homem que talvez se reconheça neste relato de um medo. Mas nem tenha ele dúvida de que "o problema era meu", como se diz. Não tenha

******ebook converter DEMO Watermarks*******

dúvida de que deveria tomar o convite pelo que ele na verdade devia ser, igual a ter me mandado antes rosas: uma gentileza, a noite estava tépida, ele tinha carro à porta. E nem tenha dúvida de que – na simplória divisão a que os séculos me obrigaram entre o bem e o mal – sei que ele era Homem Bom Caverna Direita Só Cinco Mulheres Não Bate Nenhuma Todas Contentes. E por favor me entenda – apelo para o seu bom humor – sei que homem de fronteira, como ele, usa com simplicidade a palavra *passeíto*, o que para mim, no entanto, teve a terrível ameaça de uma doçura. Agradeço-lhe exatamente essa palavra que, por ser nova para mim, veio me dar o bom escândalo.

Expliquei ao Homem que não podia dar o *passeíto*, fina que sou. Séculos adestraram-me, e hoje sou uma fina entre as finas, mesmo como no caso, sem necessitar, por via das dúvidas debaixo das folhas hei de morar.

O Homem, esse não insistiu, se bem que não me pareça poder dizer com verdade que ele se agradou. Defrontamo-nos por menos de um átimo de segundo – com o decorrer dos milênios, eu e o Homem fomos nos compreendendo cada vez melhor, e hoje menos de um átimo de segundo nos chega –, defrontamo-nos, e o *não*, apesar de balbuciado, ecoou escandalosamente contra as paredes de uma caverna que sempre favoreceram mais às vontades do Homem.

Depois que o Homem imediatamente se retirou, eis-me salvaguardada e ainda assustada. Por um triz um *passeíto* onde eu talvez perdesse a vida? Hoje em dia sempre se perde a vida à toa.

Retirando-se o Homem, percebi então que estava toda alegre, toda vivificada. Oh, não por causa do convite ao passeio, nós todas temos sido durante milênios continuamente convidadas a passeios, estamos habituadas e contentes, raramente açoitadas. Estava alegre e revolucionada – mas era pelo medo.

Pois sou a favor do medo.

Então certos medos – aqueles não mesquinhos e que têm raiz de raça inextirpável – têm-me dado a minha mais incompreensível realidade. A ilogicidade de meus medos me tem encantado, dá-me uma aura que até me encabula. Mal consigo esconder, sob a sorridente modéstia, meu grande poder de cair em medos.

Mas, no caso deste medo particular, pergunto-me de novo o que me terá acontecido na Idade da Pedra? Algo natural não foi, ou eu não teria conservado até hoje esse olhar de lado, e não teria me tornado delicadamente invisível, assumindo sonsa a cor das sombras e dos verdes, andando sempre do lado de dentro das calçadas, e com falso andar seco. Algo natural não terá sido, posto que, sendo eu por

******ebook converter DEMO Watermarks*******

força e sem escolha uma natural, o natural não teria me assustado. Ou já então – na própria idade das cavernas que ainda hoje é meu mais secreto lar – ou já então eu fiz *uma neurose* sobre o natural de um *passeíto*?

É, mas ter um coração de esguelha é que está certo: é faro, direção de ventos, sabedoria, esperteza de instinto, experiência de mortes, adivinhação em lagos, desadaptação inquietantemente feliz, pois descubro que ser desadaptada é a minha fonte. Pois bem se sabe que vai chover muito quando os mosquitos anunciam, e cortar minha cabeleira em lua nova dá-lhe de novo as forças, dizer um nome que não ouso traz atraso e muita desgraça, amarrar o diabo com linha vermelha no pé do móvel tem pelo menos amarrado os meus demônios. E sei – com meu coração que por nunca ter ousado expor-se no centro, e há séculos, mantém-se em sombra à esquerda – bem sei que o Homem é um ser tão estranho a si mesmo que, só por ser inocente, é natural.

Não, quem tem razão é este meu coração indireto, mesmo que os fatos me desmintam diretamente. *Passeíto* dá morte certa, e a cara espantada fica de olho vidrado olhando para a lua cheia de si.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

uma revolta

Quando o amor é grande demais torna-se inútil: já não é mais aplicável, e nem a pessoa amada tem a capacidade de receber tanto. Fico perplexa como uma criança ao notar que mesmo no amor tem-se que ter bom-senso e medida. Ah, a vida dos sentimentos é extremamente burguesa.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

a descoberta do mundo

O que eu quero contar é tão delicado quanto a própria vida. E eu quereria poder usar a delicadeza que também tenho em mim, ao lado da grossura de camponesa que é o que me salva.

Quando criança, e depois adolescente, fui precoce em muitas coisas. Em sentir um ambiente, por exemplo, em apreender a atmosfera íntima de uma pessoa. Por outro lado, longe de precoce, estava em incrível atraso em relação a outras coisas importantes. Continuo aliás atrasada em muitos terrenos. Nada posso fazer: parece que há em mim um lado infantil que não cresce jamais.

Até mais que treze anos, por exemplo, eu estava em atraso quanto ao que os americanos chamam de fatos da vida. Essa expressão se refere à relação profunda de amor entre um homem e uma mulher, da qual nascem os filhos. Ou será que eu adivinhava mas turvava minha possibilidade de lucidez para poder, sem me escandalizar comigo mesma, continuar em inocência a me enfeitar para os meninos? Enfeitar-me aos onze anos de idade consistia em lavar o rosto tantas vezes até que a pele esticada brilhasse. Eu me sentia pronta, então. Seria minha ignorância um modo sonso e inconsciente de me manter ingênua para poder continuar, sem culpa, a pensar nos meninos? Acredito que sim. Porque eu sempre soube de coisas que nem eu mesma sei que sei.

As minhas colegas de ginásio sabiam de tudo e inclusive contavam anedotas a respeito. Eu não entendia mas fingia compreender para que elas não me desprezassem e à minha ignorância.

Enquanto isso, sem saber da realidade, continuava por puro instinto a flertar com os meninos que me agradavam, a pensar neles. Meu instinto precedera a minha inteligência.

Até que um dia, já passados os treze anos, como se só então eu me sentisse madura para receber alguma realidade que me chocasse, contei a uma amiga íntima o meu segredo: que eu era ignorante e fingira de sabida. Ela mal acreditou, tão bem eu havia antes fingido. Mas terminou sentindo minha sinceridade e ela própria encarregou-se ali mesmo na esquina de me esclarecer o mistério da vida. Só que também ela era uma menina e não soube falar de um modo que não ferisse a minha sensibilidade de então. Fiquei paralisada olhando para ela, misturando perplexidade, terror, indignação, inocência mortalmente ferida. Mentalmente eu

******ebook converter DEMO Watermarks*******

gaguejava: mas por quê? mas para quê? O choque foi tão grande – e por uns meses traumatizante – que ali mesmo na esquina jurei alto que nunca iria me casar.

Embora meses depois esquecesse o juramento e continuasse com meus pequenos namoros.

Depois, com o decorrer de mais tempo, em vez de me sentir escandalizada pelo modo como uma mulher e um homem se unem, passei a achar esse modo de uma grande perfeição. E também de grande delicadeza. Já então eu me transformara numa mocinha alta, pensativa, rebelde, tudo misturado a bastante selvageria e muita timidez.

Antes de me reconciliar com o processo da vida, no entanto, sofri muito, o que poderia ter sido evitado se um adulto responsável se tivesse encarregado de me contar como era o amor. Esse adulto saberia como lidar com uma alma infantil sem martirizá-la com a surpresa, sem obrigá-la a ter toda sozinha que se refazer para de novo aceitar a vida e os seus mistérios.

Porque o mais surpreendente é que, mesmo depois de saber de tudo, o mistério continuou intacto. Embora eu saiba que de uma planta brota uma flor, continuo surpreendida com os caminhos secretos da natureza. E se continuo surpreendida com os caminhos secretos da natureza. E se continuo até hoje com pudor não é porque ache vergonhoso, é por pudor apenas feminino.

Pois juro que a vida é bonita.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

ao que leva o amor

– (Eu te amo)

– (É isso então o que sou?)

– (Você é o amor que tenho por você)

– (Sinto que vou me reconhecer... estou quase vendo... falta tão pouco)

– (Eu te amo)

– (Ah, agora sim. Estou me vendo. Esta sou eu, então. Que retrato de corpo inteiro.)

******ebook converter DEMO Watermarks*******

quem escreveu isto?

Andei mexendo em papéis antigos e encontrei uma folha onde estavam escritas, entre aspas, algumas linhas em inglês. O que significa que eu copiei as linhas de tão belas que as achei. No entanto não estava anotado o nome do escritor, o que é imperdoável. Vou tentar traduzir e não sei se a tradução conservará esse algo que me tocou tanto:

"Então por um momento os dois se apagaram na doce escuridão tão profunda que eles eram mais escuros que a escuridão, por uns instantes ambos eram mais escuros que as negras árvores, e depois tão escuro que, quando ela tentou erguer os olhos até ele, só pôde ver as ondas selvagens do universo acima dos ombros dele, e então ela disse: 'Sim, acho que eu te amo.'"

******ebook converter DEMO Watermarks*******

vida natural

Pois no Rio tinha um lugar com uma lareira. E quando ela percebeu que, além do frio, chovia nas árvores, não pôde acreditar que tanto lhe fosse dado. O acordo do mundo com aquilo que ela nem sequer sabia que precisava como numa fome. Chovia, chovia. O fogo aceso pisca para ela e para o homem. Ele, o homem, se ocupa do que ela nem sequer lhe agradece: ele atiça o fogo na lareira, o que não lhe é senão dever de nascimento. E ela – que é sempre inquieta, fazedora de coisas e experimentadora de curiosidades – pois ela nem se lembra sequer de atiçar o fogo: não é seu papel, pois se tem o seu homem para isso. Não sendo donzela, que o homem então cumpra a sua missão. O mais que ela faz é às vezes instigá-lo: "aquela acha", diz-lhe, "aquela ainda não pegou." E ele, um instante antes que ela acabe a frase que o esclareceria, ele por ele mesmo já notara a acha, homem seu que é, e já está atiçando a acha. Não a comando seu, que é a mulher de um homem e que perderia seu estado se lhe desse ordem. A outra mão dele, a livre, está ao alcance dela. Ela sabe e não a toma. Tem exatamente o que precisa: pode ter.

Ah, e dizer que isto vai acabar, que por si mesmo não pode durar. Não, ela não está se referindo ao fogo, refere-se ao que sente. O que sente nunca dura, o que sente sempre acaba, e pode nunca mais voltar. Encarniça-se então sobre o momento, come-lhe o fogo, e o fogo doce arde, arde, flameja. Então, ela, que sabe que tudo vai acabar, pega a mão livre do homem, e ao prendê-la nas suas, ela doce arde, arde, flameja.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

um homem

Sua inteligência absolutamente fora do comum de tão grande, a princípio me deixou embaraçada. Tive que me habituar ao jargão da grande inteligência. É normalmente sério, mas tem um sorriso – não, não vou dizer que o seu sorriso lhe ilumina o rosto todo. Mas, enfim, é a verdade. Ele não tem medo do lugar-comum, o tal não engajamento o leva à atmosfera de sua inteligência. Esta muitas vezes usa sofismas, que são a astúcia de quem pode. Entendo-o não com a cabeça, que não alcançaria a sua, mas com minha pessoa inteira. Aliás, ele é uma pessoa inteira. Seus olhos muito negros não se desviam: ele não tem medo de olhar os homens no profundo dos olhos. Dá vontade de sorrir com ele. Se eu soubesse. Aliás, preciso me habituar a sorrir mais, senão pensam que estou com *problemas* e não com o rosto apenas sério ou concentrado. Voltando ao homem: quando ele diz "até amanhã", sabe-se que o amanhã virá. Ele tem um ligeiro mau gosto na escolha dos objetos de adorno que compra. Isso me dá ternura. Ele é inconsciente de que eu o vejo tanto, não tantas vezes, mas tanto.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

homem se ajoelhar

É bom. Sobretudo porque a mulher sabe que está sendo bom para ele: é depois de grandes jornadas e de grandes lutas que ele enfim compreende que precisa se ajoelhar diante da mulher. E, depois, é bom porque a cabeça do homem fica perto dos joelhos da mulher e perto de suas mãos, no seu colo, que é sua parte mais quente. E ela pode fazer o seu melhor gesto: nas mãos, que ficam a um tempo frementes e firmes, pegar aquela cabeça cansada que é fruto entre seu e dela.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

por não estarem distraídos

Havia a levíssima embriaguez de andarem juntos, a alegria como quando se sente a garganta um pouco seca e se vê que por admiração se estava de boca entreaberta: eles respiravam de antemão o ar que estava à frente, e ter esta sede era a própria água deles. Andavam por ruas falando e rindo, falavam e riam para dar matéria e peso à levíssima embriaguez que era a alegria da sede deles. Por causa de carros e pessoas, às vezes eles se tocavam, e ao toque – a sede é a graça, mas as águas são uma beleza de escuras – e ao toque brilhava o brilho da água deles, a boca ficando um pouco mais seca de admiração. Como eles se admiravam estarem juntos!

Até que tudo se transformou em não. Tudo se transformou em não quando eles quiseram essa mesma alegria deles. Então a grande dança dos erros. O cerimonial das palavras desacertadas. Ele procurava e não via, ela que estava ali, no entanto. No entanto ele que estava ali. Tudo errou, e havia a grande poeira das ruas, e quanto mais erravam, mais com aspereza queriam, sem um sorriso. Tudo só porque tinham prestado atenção, só porque eles não estavam mais bastante distraídos. Só porque, de súbito exigentes e duros, quiseram ter o que já tinham. Tudo porque quiseram dar um nome; porque quiseram ser, eles que já eram. Foram então aprender que, não se estando distraído, o telefone não toca, e é preciso sair de casa para que a carta chegue, e quando o telefone finalmente toca, o deserto da espera já cortou os fios. Tudo, tudo por não estarem mais distraídos.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

o primeiro beijo

Os dois mais murmuravam que conversavam: havia pouco iniciara-se o namoro e ambos andavam tontos, era o amor. Amor com o que vem junto: ciúme.

– Está bem, acredito que sou a sua primeira namorada, fico feliz com isso. Mas me diga a verdade, só a verdade: você nunca beijou uma mulher antes de me beijar?

Ele foi simples:

– Sim, já beijei antes uma mulher.

– Quem era ela? perguntou com dor.

Ele tentou contar toscamente, não sabia como dizer.

O ônibus da excursão subia lentamente a serra. Ele, um dos garotos no meio da garotada em algazarra, deixava a brisa fresca bater-lhe no rosto e entrar-lhe pelos cabelos com dedos longos, finos e sem peso como os de uma mãe. Ficar às vezes quieto, sem quase pensar, e apenas sentir – era tão bom. A concentração no sentir era difícil no meio da balbúrdia dos companheiros.

E mesmo a sede começara: brincar com a turma, falar bem alto, mais alto que o barulho do motor, rir, gritar, pensar, sentir, puxa vida! Como deixava a garganta seca.

E nem sombra de água. O jeito era juntar saliva, e foi o que ele fez. Depois de reunida na boca ardente engolia-a, lentamente, outra vez e mais outra. Era morna, porém, a saliva, e não tirava a sede. Uma sede enorme, maior do que ele próprio, que lhe tomava agora o corpo todo.

A brisa fina, antes tão boa, agora ao sol do meio-dia tornava-se quente e árida e ao penetrar pelo nariz secava ainda mais a pouca saliva que pacientemente juntava.

E se fechasse as narinas e respirasse um pouco menos daquele vento do deserto? Tentou por instantes mas logo sufocava. O jeito era mesmo esperar, esperar. Talvez minutos apenas, talvez horas, enquanto sua sede era de anos.

Não sabia como e por que mas agora se sentia mais perto da água, pressentia-a mais próxima, e seus olhos saltavam para fora da janela procurando a estrada, penetrando entre os arbustos, espreitando, farejando.

O instinto animal dentro dele não errara: na curva inesperada da estrada, entre arbustos, estava... o chafariz de onde brotava num filete a água sonhada.

O ônibus parou, todos estavam com sede mas ele conseguiu ser o primeiro a chegar ao chafariz de pedra, antes de todos.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

De olhos fechados entreabriu os lábios e colou-os ferozmente ao orifício de onde jorrava a água. O primeiro gole fresco desceu, escorrendo pelo peito até a barriga.

Era a vida voltando, e com esta encharcou todo o seu interior arenoso até se saciar. Agora podia abrir os olhos.

Abriu-os e viu bem junto de sua cara dois olhos de estátua fitando-o e viu que era a estátua de uma mulher e que era da boca da mulher que saía a água. Lembrou-se de que realmente ao primeiro gole sentira nos lábios um contato gélido, mais frio do que a água.

E soube então que havia colado sua boca na boca da estátua da mulher de pedra. A vida havia jorrado dessa boca, de uma boca para outra.

Intuitivamente, confuso na sua inocência, sentia intrigado: mas não é de uma mulher que sai o líquido vivificador, o líquido germinador de vida... Olhou a estátua nua.

Ele a havia beijado.

Sofreu um tremor que não se via por fora e que se iniciou bem dentro dele e tomou-lhe o corpo todo estourando pelo rosto em brasa viva.

Deu um passo para trás ou para a frente, nem sabia mais o que fazia. Perturbado, atônito, percebeu que uma parte de seu corpo, sempre antes relaxada, estava agora com uma tensão agressiva, e isso nunca lhe tinha acontecido.

Estava de pé, docemente agressivo, sozinho no meio dos outros, de coração batendo fundo, espaçado, sentindo o mundo se transformar. A vida era inteiramente nova, era outra, descoberta com sobressalto. Perplexo, em equilíbrio frágil.

Até que, vinda da profundeza de seu ser, jorrou de uma fonte oculta nele a verdade. Que logo o encheu de susto e logo também de um orgulho antes jamais sentido: ele...

Ele se tornara homem...

******ebook converter DEMO Watermarks*******

viagem de trem

Devo ter viajado de trem da Ucrânia para a Romênia e desta para Hamburgo. Nada sei, recém-nascida que eu era.

Mas me lembro de uma memorável viagem de trem, com 11 anos de idade, de Recife a Maceió, com meu pai. Eu já era altinha, e pelo que se revelou, já meio mocinha. Na viagem de ida – quase um dia inteiro – um rapaz de seus 18 anos, lindo de morrer e que comeu no mínimo uma dúzia de laranjas, e que tinha olhos verdes pestanudos de preto, simplesmente veio pedir licença a meu pai para ficar conversando comigo. Meu pai disse que sim. Eu não cabia em mim de emoção: namoramos o tempo todo sob o olhar aparentemente distraído de meu pai.

Em Maceió, onde íamos ficar um dia apenas, aconteceu outro milagre. Houve uma festa dada para meu pai. E havia lá um menino de 13 anos, considerado marginal. Contava-se que, uma vez, à saída de uma festa, acompanhando uma senhora de noite para casa, beliscara-lhe o braço. Pois esse menino me quis. E me pediu para passear com ele. Eu era completamente inocente, mas instintivamente compreendi alguma coisa e disse que não. Tomou meu endereço em Recife e recebi dele um cartão-postal todo florido, com palavras de amor. Perdi o cartão, perdi o amor. Ficou-me a lembrança. A volta foi no dia seguinte à festa – todos na estação, inclusive o menino marginal – e sei que alguma coisa aconteceu também *bouleversante* mas não me lembro o quê.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

desencontro

Eu te dou pão e preferes ouro. Eu te dou ouro mas tua fome legítima é de pão.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

a comunicação muda

O que nos salva da solidão é a solidão de cada um dos outros. Às vezes, quando duas pessoas estão juntas, apesar de falarem, o que elas comunicam silenciosamente uma à outra é o sentimento de solidão.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

o presente

... amor será dar de presente um ao outro a própria solidão? Pois é a coisa mais última que se pode dar de si.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

mas há a vida

Mas há a vida que é para ser intensamente vivida, há o amor. Há o amor. Que tem que ser vivido até a última gota. Sem nenhum medo. Não mata.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

dar-se enfim

O prazer é abrir as mãos e deixar escorrer sem avareza o vazio-pleno que se estava encarniçadamente prendendo. E de súbito o sobressalto: ah, abri as mãos e o coração, e não estou perdendo nada! E o susto: acorde, pois há o perigo do coração estar livre!

Até que se percebe que nesse espraiar-se está o prazer muito perigoso de ser. Mas vem uma segurança estranha: sempre ter-se-á o que gastar. Não ter pois avareza com esse vazio-pleno: gastá-lo.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

por causa de um bule de bico rachado

Este caso aconteceu há bastante tempo, ao que me contaram. Afiançaram-me que era verídico.

É o seguinte:

Jane – 28 anos – e Bob Douglas, 32, casados, havia quatro anos, viviam o que se chama de felizes no bairro de Soho, Londres.

Certa tardinha, quando Jane servia o chá para ambos, Bob, de repente, enfureceu-se:

– Fico doente de ver todos os dias esse bule velho de bico rachado! Não aguento mais!

Jane, em geral suave, retrucou também enraivecida:

– Pois vá você mesmo comprar um bule bem bonito, se tem dinheiro!

Bob – e ao que parece era a primeira "cena" entre ambos – Bob saiu batendo a porta. Foi visto num pub, certamente para se acalmar – e depois nunca mais foi visto por ninguém. Isso mesmo: desapareceu. Jane boquiaberta.

Muito tempo depois, Jane soube por um conhecido de ambos que vira Bob num bar em Paris. E que se alistara por cinco anos na Legião estrangeira. O conhecido prometeu-lhe que, havendo meios, ele arranjaria seu endereço em Paris.

Como presente de Natal, ela ficou sabendo onde Bob morava e escreveu-lhe emocionada. E houve resposta.

Bob lastimava-se inclusive de não lhe ter escrito: "Querida, quando recobrei o juízo, fiz tudo para não entrar mais na legião. Querida, ajude-me a consegui-lo ou pelo menos venha ter comigo. Só desejo é estar perto de ti. Sinto saudades terríveis."

Jane trabalhou como louca – 15 horas por dia em dois empregos: de dia como garçonete de um pub, de noite no vestiário de um *nightclub*. Até que juntou dinheiro suficiente para ir a Paris. Mas não adiantou seu esforço (que também consistia em comer pouco): Bob já tinha sido removido para o norte da África. Jane implorou a oficiais da Legião estrangeira no Quai d'Orsay que licenciassem Bob. Chorava. Também chorava porque tinha vergonha de explicar que a causa não fora trágica: fora por causa de um bule de chá de bico rachado.

Mas quem acreditaria? Ouviram-na com polidez e depois disseram-lhe que, pelo

******ebook converter DEMO Watermarks*******

regulamento, ela só teria o marido de volta para casa em cinco anos.

Restava à inglesinha retornar a Londres, trabalhar e trabalhar, economizando para financiar sua viagem marítima num cargueiro para Sidi-bel-Abbes.

A conta do banco começava já a crescer, quando Jane recebeu mais uma carta de Bob: "Querida, estou num abismo de desespero. Vou ser mandado para a Indochina."

Mas de tanto receio e desespero, Bob adoece, baixou ao hospital. Seus companheiros seguiram viagem, muitos deles morreram em Dien-Bien-Phu. Jane tentou engajar-se na Cruz Vermelha Internacional ou na marinha Mercante. Mas sem êxito algum.

Um mês depois, julgado curado, embarcaram Bob para a Indochina. Ao passar o navio pelo Canal de Suez, ele e mais quatro italianos atiraram-se na água.

A polícia egípcia prendeu-os por entrada ilegal. Em Londres, Jane suplicou e suplicou ao Foreign Office que livrasse o marido das complicações. Tanto falou que terminou dizendo a verdade que parecia mentira mas não era:

— Tudo — explicou com pudor — aconteceu por causa de um velho bule de bico rachado.

Fico danada por não saber o fim da história, e suponho que vocês também.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

por quê?

Um dia o rapaz viu sua namorada na esquina conversando com duas amigas. Por que sentiu ele um mal-estar como se ela sempre tivesse mentido e só agora ele tivesse a prova? No entanto, ela nunca dissera que não saía ou que não ria nem conversava. Mas a ideia que ele fizera dela fora traída pela visão nova: junto das amigas, ela parecia uma outra pessoa.

O pior é que também ela não se sentiu bem quando ele contou que a tinha visto. Fez-lhe muitas perguntas: como é que eu estava? Com que roupa? Eu estava rindo? E ele sentiu que, se houvesse possibilidade de se explicar — e não havia — proibiria que ela se encontrasse com as amigas. Ela pensaria erradamente em ciúmes. A ideia de que ela pudesse imaginar com simplicidade coisas favoráveis a si própria, como se objeto de precioso ciúme, deu-lhe pena dela e ele achou-a ridícula.

De qualquer maneira, desde que vira nova faceta dela ao estar conversando na esquina, de algum modo a desprezava. Como não entendia por quê, procurava acusá-la: parece uma criada que depois de lavar os pratos vai de mãos vermelhas conversar na esquina. Mas não era a verdade, nem ele conseguiu se convencer com o próprio argumento. Só que agora permanecia frio quando ela lhe contava, por exemplo, o que sonhara de noite. Olhava-a de olhos bem abertos e sem carinho, bem abertos para não recebê-la, como se lhe dissesse: você pensa que me engana? Você é outra pessoa, eu vi você conversando na esquina.

Nunca mais se entenderam bem, e o namoro não durou muito. Terminou friamente, sem saudades.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

sem aviso

Tanta coisa que eu não sabia. Nunca tinham me falado, por exemplo, deste sol duro das três horas. Também não me tinham avisado sobre este ritmo tão seco de viver, desta martelada de poeira. Que doeria, tinham-me vagamente avisado. Mas o que vem para a minha esperança do horizonte, ao chegar perto se revela abrindo asas de águia sobre mim, isso eu não sabia. Não sabia o que é ser sombreada por grandes asas abertas e ameaçadoras, um agudo bico de águia inclinado sobre mim e rindo. E quando nos álbuns de adolescentes eu respondia com orgulho que não acreditava no amor, era então que eu mais amava; isso eu tive que saber sozinha. Também não sabia no que dá mentir. Comecei a mentir por precaução, e ninguém me avisou do perigo de ser tão precavida; porque depois nunca mais a mentira descolou de mim. E tanto menti que comecei a mentir até a minha própria mentira. E isso – já atordoada eu sentia – isso era dizer a verdade. Até que decaí tanto que a mentira eu dizia crua, simples, curta: eu dizia a verdade bruta.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

uma história de tanto amor

Era uma vez uma menina que observava tanto as galinhas que lhes conhecia a alma e os anseios íntimos. A galinha é ansiosa, enquanto o galo tem uma angústia quase humana: falta-lhe um amor verdadeiro naquele seu harém, e ainda mais tem que vigiar a noite toda para não perder a primeira das mais longínquas claridades e cantar o mais sonoro possível. É o seu dever e a sua arte. Voltando às galinhas, a menina possuía duas só dela. Uma se chamava Pedrina e a outra Petronilha.

Quando a menina achava que uma delas estava doente do fígado, ela cheirava embaixo das asas delas, com uma simplicidade de enfermeira, o que considerava ser o sintoma máximo das doenças, pois o cheiro de galinha viva não é de se brincar. Então pedia um remédio a uma tia. E a tia: "Você não tem coisa nenhuma no fígado." Então, com a intimidade que tinha com essa tia eleita, explicou-lhe para quem era o remédio. A menina achou de bom alvitre dá-lo tanto a Pedrina quanto a Petronilha para evitar contágios misteriosos. Era quase inútil dar o remédio porque Pedrina e Petronilha continuavam a passar o dia ciscando o chão e comendo porcarias que faziam mal ao fígado. E o cheiro debaixo das asas era aquela morrinha mesmo. Não lhe ocorreu dar um desodorante porque nas Minas Gerais onde o grupo vivia não eram usados assim como não se usavam roupas íntimas de náilon e sim de cambraia. A tia continuava a lhe dar o remédio, um líquido escuro que a menina desconfiava ser água com uns pingos de café — e vinha o inferno de tentar abrir o bico das galinhas para administrar-lhes o que as curaria de serem galinhas. A menina ainda não tinha entendido que os homens não podem ser curados de serem homens e as galinhas de serem galinhas: tanto o homem quanto a galinha têm misérias e grandeza (a da galinha é a de pôr um ovo branco de forma perfeita) inerentes à própria espécie. A menina morava no campo e não havia farmácia perto para ela consultar.

Outro inferno de dificuldade era quando a menina achava Pedrina e Petronilha magras debaixo das penas arrepiadas, apesar de comerem o dia inteiro. A menina não entendera que engordá-las seria apressar-lhes um destino na mesa. E recomeçava o trabalho mais difícil: o de abrir-lhes o bico. A menina tornou-se grande conhecedora intuitiva de galinhas naquele imenso quintal das Minas Gerais. E quando cresceu ficou surpresa ao saber que na gíria o termo galinha tinha outra acepção. Sem notar a seriedade cômica que a coisa toda tomava:
******ebook converter DEMO Watermarks*******

– Mas é o galo, que é um nervoso, quem quer! Elas não fazem nada demais! E é tão rápido que mal se vê! O galo é quem fica procurando amar uma e não consegue.

Um dia a família resolveu levar a menina para passar o dia na casa de um parente, bem longe de casa. E quando voltou, já não existia aquela que em vida fora Petronilha. Sua tia informou-lhe:

– Nós comemos Petronilha.

A menina era criatura de grande capacidade de amar: uma galinha não corresponde ao amor que se lhe dá e no entanto a menina continuava a amá-la sem esperar reciprocidade. Quando soube o que acontecera com Petronilha passou a odiar todo mundo da casa, menos sua mãe que não gostava de comer galinha e os empregados que comeram carne de vaca ou de boi. O seu pai, então, ela mal conseguia olhar: era ele quem mais gostava de comer galinha. Sua mãe percebeu tudo e explicou-lhe.

– Quando a gente come bichos, os bichos ficam mais parecidos com a gente, estando assim dentro de nós. Daqui de casa só nós duas é que não temos Petronilha dentro de nós. É uma pena.

Pedrina, secretamente a preferida da menina, morreu de morte morrida mesmo, pois sempre fora um ente frágil. A menina ao ver Pedrina tremendo num quintal ardente de sol, embrulhou-a num pano escuro e depois de bem embrulhadinha botou-a em cima daqueles grandes fogões de tijolos das fazendas das Minas Gerais. Todos lhe avisaram que estava apressando a morte de Pedrina, mas a menina era obstinada e pôs mesmo Pedrina toda enrolada em cima dos tijolos quentes. Quando na manhã seguinte Pedrina amanheceu dura de tão morta, a menina só então, entre lágrimas intermináveis, se convenceu de que apressara a morte do ser querido.

Um pouco maiorzinha, a menina teve uma galinha chamada Eponina. O amor por Eponina: dessa vez era um amor mais realista e não romântico: era o amor de quem já sofreu por amor. E quando chegou a vez de Eponina ser comida, a menina não apenas soube como achou que era o destino fatal de quem nascia galinha. As galinhas pareciam ter uma presciência do próprio destino e não aprendiam a amar os donos nem o galo. Uma galinha é sozinha no mundo.

Mas a menina não esquecera o que sua mãe dissera a respeito de comer bichos amados: comeu Eponina mais do que todo o resto da família, comeu sem fome, mas com um prazer quase físico porque sabia agora que assim Eponina se incorporaria nela e se tornaria mais sua do que em vida. Tinham feito Eponina ao molho pardo. De modo que a menina, num ritual pagão que lhe foi transmitido de corpo a corpo através dos séculos, comeu-lhe a carne e bebeu-lhe o sangue. Nessa refeição tinha

******ebook converter DEMO Watermarks*******

ciúmes de quem também comia Eponina. A menina era um ser feito para amar até que se tornou moça e havia os homens.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

nossa truculência

Quando penso na alegria voraz com que comemos galinha ao molho pardo, dou-me conta de nossa truculência. Eu, que seria incapaz de matar uma galinha, tanto gosto delas vivas mexendo o pescoço feio e procurando minhocas. Deveríamos não comê-la e ao seu sangue? Nunca. Nós somos canibais, é preciso não esquecer. É respeitar a violência que temos. E, quem sabe, não comêssemos a galinha ao molho pardo, comeríamos gente com seu sangue. Minha falta de coragem de matar uma galinha e no entanto comê-la morta me confunde, espanta-me, mas aceito. A nossa vida é truculenta: nasce-se com sangue e com sangue corta-se a união que é o cordão umbilical. E quantos morrem com sangue. É preciso acreditar no sangue como parte de nossa vida. A truculência. É amor também.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

amor

Uma vez há muito tempo encontrei numa fila qualquer um amigo e estávamos conversando quando ele se espantou e me disse: olhe que coisa esquisita. Olhei para trás e vi – da esquina para a gente – um homem vindo com o seu tranquilo cachorro puxado pela coleira.

Só que não era cachorro. A atitude era toda de cachorro e a do homem era a de um homem com o seu cão. Este é que não era. Tinha focinho acompridado de quem pode beber em copo fundo, rabo longo, mas duro – é verdade que poderia ser apenas uma variação individual da raça. Pouco provável no entanto. Meu amigo levantou a hipótese de quati. Mas achei o bicho com muito mais andar de cachorro para ser quati. Ou seria o quati mais resignado e enganado que jamais vi. Enquanto isso o homem calmamente se aproximando. Calmamente não. Havia certa tensão nele. Era uma calma de quem aceitou a luta: seu ar era de um natural desafiador. Não se tratava de um pitoresco: era por coragem que andava em público com o seu estranho bicho. Meu amigo sugeriu a hipótese de outro animal de que na hora não se lembrou o nome. Mas nada me convencia. Só depois entendi que minha atrapalhação não era propriamente minha: vinha de que aquele bicho ele próprio já não sabia o que era, e não podia portanto transmitir uma imagem nítida.

Até que o homem passou perto. Sem um sorriso, costas duras, altivamente se expondo; não, nunca foi fácil ser julgado pela fila humana que exige mais e mais. Fingia prescindir de admiração ou piedade. Mas cada um de nós reconhece o martírio de quem está protegendo um sonho.

– Que bicho é este? – perguntei-lhe e intuitivamente meu tom foi suave para não feri-lo com uma curiosidade. Perguntei que bicho era aquele mas na pergunta o tom talvez incluísse: por que você faz isso? Que carência é essa que faz você inventar um cachorro? E por que não um cachorro mesmo então? Pois se os cachorros existem! Ou você não teve outro modo de possuir a graça desse bicho senão com uma coleira? Mas você esmaga uma rosa se apertá-la com carinho demais. Sei que o tom é uma unidade indivisível por palavras. Mas estilhaçar o silêncio em palavras é um dos meus modos desajeitados de amar o silêncio. E é quebrando o silêncio que muitas vezes tenho matado o que compreendo. Se bem que – glória a Deus – sei mais silêncio que palavras.

O homem sem parar respondeu curto embora sem aspereza.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

Era quati mesmo. Ficamos olhando. Nem meu amigo nem eu sorrimos. Esse era o tom e essa era a intuição. Ficamos olhando.

Era um quati que se pensava cachorro. Às vezes com seus gestos de cachorro retinha o passo para cheirar coisas – o que retesava a correia e retinha um pouco o dono na usual sincronização de homem e cachorro. Fiquei olhando aquele quati que não sabia quem era. Imagino: se o homem o leva para brincar na praça, tem uma hora que o quati se constrange todo: "Mas santo Deus, por que é que os cachorros me olham tanto e latem feroz para mim?" Imagino também que depois de um perfeito dia de cachorro o quati se diga melancólico olhando as estrelas: "Que tenho afinal? Que me falta? Sou tão feliz como qualquer cachorro, por que então este vazio e esta nostalgia? Que ânsia é esta, como se eu só amasse o que não conheço?" E o homem – o único a poder delivrá-lo da pergunta – este homem nunca lhe dirá quem é ele para não perdê-lo para sempre.

Penso também na iminência do ódio que há no quati. Ele sente amor e gratidão pelo homem. Mas por dentro não há como a verdade deixar de existir: e o quati só não percebe que o odeia porque está vitalmente confuso.

Mas se ao quati fosse de súbito revelado o mistério de sua verdadeira natureza? Estremeço ao pensar no fatal acaso que fizesse esse quati se deparar com outro quati, e neste reconhecer-se, ao pensar nesse instante em que ele ia sentir o mais feliz pudor que nos é dado: eu... nós... Bem sei que ele teria direito quando soubesse de massacrar o homem com o ódio pelo que de pior um ser pode fazer a outro ser: adulterar-lhe a essência a fim de usá-lo. Eu sou pelo bicho e tomo o partido das vítimas do amor ruim. Mas imploro ao quati que perdoe o homem e que o perdoe com muito amor. Antes de abandoná-lo.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

amor, quati, cão, feminino e masculino

Talvez algum leitor ainda se lembre de um texto meu publicado nesta seção sob o título de "Amor" – em 11 de setembro passado. Talvez se lembre de que se tratava de um homem que vi que transformava um quati em cachorro, com coleira e tudo, e o quati estava confuso quanto à própria raça. Também contei que o quati, se visse outro quati, reconheceria quem ele mesmo era. E então como que lhe pedi que, livre da natureza que lhe fora impingida, não julgasse o homem porque este o fizera por ser carente de amor. Sim, isso antes de abandoná-lo, é claro. Porque, descoberta a própria identidade, o ser é e não retrocede.

Um leitor resolveu outra história sobre o quati e o homem, narrativa cheia de peripécias, algumas talvez arbitrárias, algumas profundas. É dessas histórias que a criança ouve de olhos arregalados, mesmo sem entender tudo, antes de dormir. Dirige-se o inventor a mim como C.L. e a assinatura é uma letra única, e ainda por cima ilegível. Copio as aventuras do quati na íntegra:

"O dono do quati pensou que o bicho havia encontrado outro dono. Sentiu saudades e aquela dor própria de dono de quati, mas *ficou na dele*. Não demorou muito e o quati, que havia desaparecido, retornou à casa do primeiro dono, ainda com a marca da coleira no pescoço. Não se pode afirmar que tenha havido um segundo dono no destino canino do quati.

– Muito bem – disse-lhe o homem – agora terás que latir. – Ele sabia que o quati nunca poderia fazer isto. O bicho esgueirou-se e foi deitar no leito com o qual havia se acostumado. Durante dois dias o dono do quati não fez outra coisa a não ser cuidar de uma rosa que tentou conservar dentro de um copo com água. A rosa morreu. Depois disso, tentou fazer com que o quati o acompanhasse e se comportasse como cachorro, mesmo sem o uso da coleira. O bicho não se saiu bem. O dono do quati andou pensando em levá-lo para alguma floresta distante, soltá-lo e deixá-lo morrer em liberdade, mas no fundo ele gosta do bicho, não como se gosta de um cachorro ou de um quati, mas como se este fosse gente, porque o dono do quati não sabe gostar de pessoas verdadeiras. No fim eu direi o motivo.

Primeiro vou contar-lhe que, quando o quati ainda era filhote, seu pai foi brutal e covardemente morto por um desses homens que se dizem caçadores a serviço da virtude, mas de fato odeiam todo animal sadio e livre. A mãe do quati, não tendo

******ebook converter DEMO Watermarks*******

encontrado outro de sua espécie, resolveu aceitar a companhia de um cachorro. Foi este cachorro quem primeiro tentou adulterar a essência do quati órfão, não para transformá-lo em cachorrinho, mas deixar bem evidente que quem nasceu quati jamais teria a dignidade de um cachorrão e haveria de ser sempre um quati qualquer miserável.

O padrasto cachorrão não gerara filhos e o pequeno quati era um belo espécime de olhos vivos. Isto talvez explique muita coisa. O próprio filho do quati, recalcado, e não compreendendo nada da vida, embora nunca esquecesse a imagem do pai bem-amado, passou a sonhar ser cachorro. Foi fácil encontrar alguém que, paternalmente, lhe colocasse uma coleira. O pitoresco desta história é que o homem que se transformou no dono de um quati também foi criado por um cachorro e mamou numa cadela.

Nunca foi órfão, mas o pai fugiu às suas responsabilidades antes de ficar noivo com aquela que veio a ser a mãe do dono de um quati. A mulher abandonada foi escravizada por uma família de mercadores que a levaram para longe de sua terra natal. Quando a criança nasceu, constatou-se que o leite materno era fraco. Nessa época ainda não havia leite em pó e leite de vaca não servia. Uma ama de leite seria muito cara, em se tratando de beneficiar o filho de uma escrava. Na casa dessa gente estranha ocorrera um fato extraordinário: na mesma época, uma mulher que se transformara em cadela, dera à luz um lindo garoto e seu leite era suficiente para alimentar também o filho da escrava.

Enquanto este mamava na robusta cadela (que não gostava dele evidentemente), o desta, inclusive por estar muito gordo, era amamentado pela escrava. Você pode imaginar a confusão que se gera na alma das pessoas quando estas coisas acontecem. O filho da escrava cresceu com problemas afetivos em relação a pessoas e a cachorros e sempre com inveja do seu irmão colaço. Tentou um dia adotar um quati como se este fosse um cachorro e quis amá-lo como se fosse gente. O filho da escrava sabe que o amor humano inteiro para ele é impossível, mas o amor que houver não pode ser ruim. O amor, se é amor, nunca é ruim. Pode ser ódio disfarçado.

Para todos os personagens dessa história e para todos nós, a grande tarefa é o reencontro da essência perdida, a conquista da integridade, a realização da totalidade. A tarefa é o espírito."

******ebook converter DEMO Watermarks*******

******ebook converter DEMO Watermarks*******

as grandes punições

Foi no primeiro dia de aula do Jardim de Infância do Grupo Escolar João Barbalho, na rua Formosa, em Recife, que encontrei Leopoldo. E no dia seguinte já éramos os dois impossíveis da turma. Passamos o ano ouvindo nossos dois nomes gritados pela professora – mas, não sei por que, ela gostava de nós, apesar do trabalho que dávamos. Separou nossos bancos inutilmente, pois Leopoldo e eu falávamos lá o que falávamos em voz alta, o que piorava a disciplina da classe. Depois passamos para o primeiro ano primário. E para a nova professora também éramos os dois alunos impossíveis. Tirávamos boas notas, menos em comportamento.

Até que um dia apareceu na classe a imponente diretora que falou baixinho com a professora. Vou contar logo o que realmente era, antes de narrar o que eu realmente senti. Tratava-se apenas de fazer o levantamento do nível mental das crianças do estado, por meio de testes. Mas quando as crianças eram, na opinião da professora, mais *vivas*, faziam o teste em ano superior, porque no próprio ano seria fácil demais. Tratava-se apenas disso.

Mas depois que a diretora saiu, a professora disse: Leopoldo e Clarice vão fazer uma espécie de exame no quarto ano. E levei uma das dores de minha vida. Ela não explicou mais nada. Mas os nossos dois nomes de novo citados juntos revelaram-me que chegara a hora da punição divina. Eu, apesar de alegre, era muito chorona e comecei a soluçar baixinho. Leopoldo imediatamente passou a me consolar, a explicar que não era nada. Inútil: eu era a culpada nata, aquela que nascera com o pecado mortal.

E de repente eis-nos os dois na sala do quarto ano primário, com crianças grandalhonas, professora desconhecida e sala desconhecida. Meu pavor cresceu, as lágrimas me escorriam pelo rosto, pelo peito. Sentaram-nos, Leopoldo e eu, um ao lado do outro. Foram distribuídas folhas de papel impresso, ao mesmo tempo que a severa professora dizia essa coisa incompreensível.

– Até eu dizer *agora!*, não olhem para o papel. Só comecem a ler quando eu disser. E no instante em que eu disser *chega!*, vocês param no ponto em que estiverem.

Recebemos as folhas. Leopoldo tranquilo, eu em pânico maior ainda. Além do mais eu nem sabia o que era exame, ainda não tinha feito nenhum. E quando ela

******ebook converter DEMO Watermarks*******

disse de repente “agora”, meus soluços abafados aumentaram. Leopoldo – além de meu pai – foi o meu primeiro protetor masculino, e tão bem o fez que me deixou para o resto da vida aceitando e querendo a proteção masculina – Leopoldo mandou eu me acalmar, ler as perguntas e responder o que soubesse. Inútil: a essa hora meu papel já estava todo ensopado de lágrimas e, quando eu tentava ler, as lágrimas me impediam de enxergar. Não escrevi uma só palavra e sofria como só vim a sofrer mais tarde e por outros motivos. Leopoldo, além de escrever, ocupava-se de mim.

Quando a professora gritou “Chega!”, minhas lágrimas ainda não chegavam. Ela me chamou, eu não expliquei nada, ela me explicou sem severidade que as crianças mais vivas da turma etc. Só fui entender dias depois, quando sarei. Nunca soube do resultado do teste, acho que nem era para sabermos.

No terceiro ano primário mudei de escola. E no exame de admissão para o Ginásio Pernambucano, logo de entrada, reencontrei Leopoldo, e foi como se não nos tivéssemos separado. Ele continuou a me proteger. Lembro-me de que uma vez usei uma palavra qualquer de gíria, cuja origem maliciosa eu ignorava.

E Leopoldo: “Não diga mais essa palavra.” “Por quê?” “Mais tarde você vai entender”, disse-me ele.

No terceiro ano ginásio, minha família mudou-se para o Rio. Só vi Leopoldo mais uma vez na vida, por acaso, na rua, e como adultos. Passáramos agora a ser dois tímidos que viajaram na mesma condução sem quase pronunciar uma palavra. Éramos impossíveis de outro modo.

Leopoldo é Leopoldo Nachbin. Eu soube que no primeiro ano de engenharia resolveu um dos teoremas considerados insolúveis desde a mais alta Antiguidade. E que imediatamente foi chamado à Sorbonne para explicar o processo. É um dos maiores matemáticos que hoje existem no mundo.

Quanto a mim, choro menos.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

lúcio cardoso

Lúcio, estou com saudade de você, corcel de fogo que você era, sem limite para o seu galope.

Saudade eu tenho sempre. Mas, saudade tristíssima, duas vezes.

A primeira vez quando você adoeceu repentinamente, em plena vida, você que era a vida. Não morreu da doença. Continuou vivendo, porém era homem que não escrevia mais, ele que até então escrevera por uma compulsão eterna gloriosa. E depois da doença, não falava mais, ele que já me dissera das coisas mais inspiradas que ouvidos humanos poderiam ouvir. E ficara com o lado direito todo paralisado. Mais tarde usou a mão esquerda para pintar: o poder criativo nele não cessara.

Mudo ou grunhindo, só os olhos se estrelavam, eles que sempre haviam faiscado de um brilho intenso, fascinante e um pouco diabólico.

De sua doença restaria também o sorriso: esse homem que sorria para aquilo que o matava. Foi homem de se arriscar e de pagar o alto preço do jogo. Passou a transportar para as telas, com a mão esquerda (que, no entanto, era incapaz de escrever, só de pintar) transparências e luzes e levezas que antes ele não parecia ter conhecido e ter sido iluminado por elas: tenho um quadro, de antes da doença, que é quase totalmente negro. A luz lhe viera depois das trevas da doença.

A segunda saudade foi já perto do fim.

Algumas pessoas amigas dele estavam na antessala de seu quarto no hospital e a maioria não se sentiu com força de sofrer ainda mais ao vê-lo imóvel, em estado de coma.

Entrei no quarto e vi o Cristo morto. Seu rosto estava esverdeado como um personagem de El Greco. Havia a Beleza em seus traços.

Antes, mudo, ele pelo menos me ouvia. E agora não ouviria nem que eu gritasse que ele fora a pessoa mais importante da minha vida durante a minha adolescência. Naquela época ele me ensinava como se conhecem as pessoas atrás das máscaras, ensina o melhor modo de olhar a lua. Foi Lúcio que me transformou em "mineira": ganhei diploma e conheço os maneirismos que amo nos mineiros.

Não fui ao velório, nem ao enterro, nem à missa porque havia dentro de mim silêncio demais. Naqueles dias eu estava só, não podia ver gente: eu vira a morte.

Estou me lembrando de coisas. Misturo tudo. Ora ouço ele me garantir que não tivesse medo do futuro porque eu era um ser com a chama da vida. Ele me ensinou o

******ebook converter DEMO Watermarks*******

que é ter a chama da vida. Ora vejo-nos alegres na rua comendo pipocas. Ora vejo-o encontrando-se comigo na ABBR, onde eu recuperava os movimentos de minha mão queimada e onde Lúcio, Pedro e Miriam Bloch chamavam-no à vida. Na ABBR caímos um nos braços do outro.

Lúcio e eu sempre nos admitimos: ele com sua vida misteriosa e secreta, eu com o que ele chamava de "vida apaixonante". Em tantas coisas éramos tão fantásticos que, se não houvesse a impossibilidade, quem sabe teríamos nos casado.

Helena Cardoso, você que é uma escritora fina e que sabe pegar numa asa de borboleta sem quebrá-la, você que é irmã do Lúcio para todo o sempre, por que não escreve um livro sobre Lúcio? Você contaria de seus anseios e alegrias, de suas angústias profundas, de sua luta com Deus, de suas fugas para o humano, para os caminhos do Bem e do Mal. Você, Helena, sofreu com Lúcio e por isso mesmo mais o amou.

Enquanto escrevo levanto de vez em quando os olhos e contemplo a caixinha de música antiga que Lúcio me deu de presente: tocava como em cravo a *Pour Élise*. Tanto ouvi que a mola partiu. A caixinha de música está muda? Não. Assim como Lúcio não está morto dentro de mim.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

as dores da sobrevivência: sérgio porto

Não, não quero mais gostar de ninguém porque dói. Não suporto mais nenhuma morte de ninguém que me é caro.

Meu mundo é feito de pessoas que são as minhas – e eu não posso perdê-las sem me perder.

Sem pudor, com lágrimas nos olhos, choro a morte de Sérgio Porto. Ele criava alegria, ele se comunicava com o mundo e fazia essa terra infernal ficar mais suave: ele nos fazia sorrir e rir. Não pude deixar de pensar: ó Deus, por que não eu em lugar dele? O povo sentirá a sua falta, vai ficar mais pobre de sorrisos, enquanto eu escrevo para poucos: então por que não eu no lugar dele? O povo precisa de pão e circo.

Sérgio Porto, perdoe eu não ter dito jamais que adorava o que você escrevia. Perdoe eu não ter procurado você para uma conversa entre amigos. Mas uma conversa mesmo: dessas em que as almas são expostas. Porque você tinha lágrimas também. Atrás do riso. Perdoe eu ter sobrevivido.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

san tiago

Não, nem todo o tipo de lucidez é frieza. San Tiago Dantas, por exemplo, era acusado de frieza. Mas o próprio Schmidt se contradizia a respeito.

Conheci San Tiago em Paris. Formamos logo um grupo. E não sei por que resolvemos que naquela noite iríamos percorrer os *nightclubs* de Paris. O que fizemos até o amanhecer. Onde os violinos cantavam finos demais e perto demais de nós, saíamos. Mas acontece que em noite longa bebe-se. E eu não sei beber. Se bebo, ou me dá sono ou choro um pouco. Mas se continuo a beber, começo a ficar brilhante, a dizer coisas. E não sei o que é pior. Nessa noite aconteceram ambas. San Tiago, se era de chorar, não demonstrava. Sua lucidez na verdade era um grande controle e não frieza.

Ah, quantos mortos já havia em potencial no grupo. Schmidt, Bluma, Wainer, San Tiago. Ninguém sabia. Ou sabíamos? Tanto que não suportávamos os finos violinos finos.

Havia uma dona de boate que também servia de caixa. Estava com os ombros decotados, bem cheios e bem fortes. Falamos muito de ombros. Os meus ficaram frágeis. Que é que bebi? O que me deram, e misturei muito.

Até que começou a madrugar, a quase amanhecer devagar. Ninguém tinha sono mas era a hora. Fomos andando. E San Tiago descobriu nas esquinas de Paris as primeiras vendedoras de flores. Não posso dizer quantas rosas ele comprou para mim. Sei que eu andava pelas ruas sem poder carregar tantas, e à medida que eu andava as rosas caíam pelo chão. Se jamais fui bonita foi naquele amanhecer de Paris, com as rosas caindo de meus braços plenos. E um homem que enfeita uma mulher não tem lucidez fria.

O quarto do hotel ficou cheio de perfume fresco, fresco. Mais morri do que adormeci.

Ao meio-dia acordei e mal podia abrir os olhos de tanta ressaca. Acordei o meu então marido e pedi que tocasse a campanhia chamando o garçom e encomendando o café mais forte que houvesse.

Em breve o garçom entrava. Mas não só com o café. Com braçadas de mais flores: San Tiago já as tinha mandado. E enquanto eu bebia o café tocava o telefone: era San Tiago querendo saber como eu estava. Eu estava péssima. Perguntou se

******ebook converter DEMO Watermarks*******

podíamos almoçar todos juntos. Mas chega nesse ponto e não me lembro mais: parece-me que tínhamos de tomar o trem para Berna naquela hora e não podíamos.

Quando fui ver San Tiago de novo? No Rio. Fomos jantar na casa dele e de Edmeia. Mas aí ele me estranhou. Eu não tinha bebido, eu não chorava, eu não brilhava. Estava meio calada. Perguntou-me se eu estava triste. Respondi-lhe que eu era *isso*.

No meio do jantar falou-se de um quadro de um museu italiano. San Tiago perguntou se eu gostara. Disse-lhe que não me lembrava. Respondeu com simplicidade: ah, é verdade que você é dos que só se lembram do que aconteceu antes de ter dez anos de idade.

Passou-se o tempo. Quando ele ia a Washington dava-me a alegria de me telefonar na mesma hora. Jantava lá em casa, ficávamos conversando até mais de três horas da madrugada. E eu aprendia. O que aprendi, já esqueci, mas tenho a certeza de que de algum modo ficou em mim.

Uma vez jantamos num hotel em Washington. E ele falou muito de política comigo. Fiquei desconfiada: não se fala de política com mulher. Estaria eu ficando menos mulher? Perguntei-lhe com franqueza. Respondeu que pelo contrário, e que até tomasse cuidado. Então jantei melhor.

E muito depois a doença dele. Um dia recebo um convite impresso para um banquete com discurso político de San Tiago. Quem se lembraria de me convidar para isso, senão ele? Fui. Depois do banquete, levanta-se San Tiago, branco como uma folha de papel. Sua voz falhava. Então ele tomava um gole d'água. E recomeçava como um herói de si mesmo, todo herói é um herói de si mesmo. Quem vence está-se vencendo.

Depois fui abraçá-lo, controlando minhas lágrimas. Eu abraçava a morte. E a morte lúcida. Ele aceitou a morte, tenho a certeza.

Esqueci de dizer que San Tiago tinha várias sobrinhas que ele muito amava. Uma delas era a preferida. E quando ela esteve em Washington, trouxe carta dele recomendando-a a mim. E mais: que eu tivesse uma conversa com ela. Tivemos várias. Jantava em casa à vontade.

E depois veio aqui no Rio o convite para o casamento dela. O noivo e a noiva tímidos e lindos. Sentei-me num dos bancos da igreja. Olhei San Tiago no outro. Ele estava morrendo sentado. Houve o casamento.

Quando todos se levantaram e cumprimentaram os noivos, encontrei-me com San Tiago. Quase não falava mais. Perguntou-me se eu estava escrevendo.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

Respondi-lhe que acabara de escrever um livro e que o nome era *A Paixão Segundo G. H.* E ele disse que gostava muito do nome.

Ia gostar desse livro, eu sei. Mas morreu antes da publicação. Não fui ao enterro. Porque nem todos morrem.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

tanto esforço

Foi uma visita. A antiga colega veio de São Paulo e visitou-a. Recebeu-a com sanduíches e chá, aperfeiçoando como pôde a visita, a tarde e o encontro. A amiga chegou linda e feminina. Com o correr das horas começou pouco a pouco a se desfazer, até que apareceu uma cara não tão moça nem tão alegre, mais intensa, de amargura mais viva. Raspou-se em breve a sua beleza menor e mais fácil. E em breve a dona da casa tinha diante de si uma mulher que, se era menos bonita, era mais bela, e que discursava como antigamente o seu ardente pensamento, confundindo-se, usando lugares-comuns do raciocínio, tentando provar-lhe a necessidade de caminhar para a frente, provando que "cada um tinha uma missão a cumprir". Nesse ponto a palavra *missão* deve ter-lhe parecido usada demais, não para si mesma, mas para a dona da casa que fora uma das inteligentes do grupo. Então corrigiu: "missão, ou o que você quiser". A dona da casa mexeu-se na cadeira, perturbada.

Quando a visita saiu, estava com o andar feio, parecia tomada por aquele cansaço que vem de decisões prematuras demais em relação ao tempo de ação: tudo o que ela decidira, demoraria anos até poder alcançar. Ou até nunca alcançar. A dona da casa desceu de elevador com a visita, levou-a até a rua. Estranhou ao vê-la de costas: o reverso da medalha eram cabelos desfeitos e infantis, ombros exagerados pela roupa mal cortada, vestido curto, pernas grossas. Sim. Uma mulher maravilhosa e solitária. Lutando sobretudo contra o próprio preconceito que a aconselhava a ser menos do que era, que a mandava dobrar-se. Tanto, tanto esforço, e os cabelos caindo infantis. Ao seu lado na rua, passavam criaturas que certamente se haviam dificultado menos, e que seguiam para um destino mais imediato. A dona da casa sentiu no peito o peso de uma compreensão constrangida: como ajudá-la? Sem que jamais pudesse transformar a compreensão em um ato.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

prece por um padre

Uma noite gaguejei uma prece por um padre que tem medo de morrer e tem vergonha de ter medo. Eu disse um pouco para Deus, com algum pudor: alivia a alma do Padre X..., faze com que ele sinta que Tua mão está dada à dele, faze com que ele sinta que a morte não existe porque na verdade já estamos na eternidade, faze com que ele sinta que amar é não morrer, que a entrega de si mesmo não significa a morte, faze com que ele sinta uma alegria modesta e diária, faze com que ele não Te indague demais, porque a resposta seria tão misteriosa quanto a pergunta, faze com que ele se lembre de que também não há explicação porque um filho quer o beijo de sua mãe e no entanto ele quer e no entanto o beijo é perfeito, faze com que ele receba o mundo sem medo, pois para esse mundo incompreensível nós fomos criados e nós mesmos também incompreensíveis, então é que há uma conexão entre esse mistério do mundo e o nosso, mas essa conexão não é clara para nós enquanto quisermos entendê-la, abençoa-o para que ele tenha caridade por si mesmo, pois senão não poderá sentir que Deus o amou, faze com que ele perca pudor de desejar que na hora da sua morte ele tenha uma mão humana para apertar a sua, amém. (Padre X... tinha me pedido para eu rezar por ele.)

******ebook converter DEMO Watermarks*******

um pedido

Não, é mais que um pedido. Eu estou implorando. Estou implorando que você não beba tanto. Alguma bebida, sim, porque você precisa de sentir um amparo e, em vez de amparo humano, escolheu por pudor a bebida. Mas tenho medo do que me dizem de você. Que você está bebendo três vezes mais do que bebia. Eu imploro que você não encurte a vida. Viva. Viva. É difícil, é duro, mas viva. Eu também estou vivendo. Em nome do Deus no qual você profundamente crê, monge que você é, beba menos.

Não tem sido nada fácil para mim. Acredite.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

o grito

Sei que o que escrevo aqui não se pode chamar de crônica nem de coluna nem de artigo. Mas sei que hoje é um grito. Um grito! de cansaço. Estou cansada! É óbvio que o meu amor pelo mundo nunca impediu guerras e mortes. Amar nunca impediu que por dentro eu chorasse lágrimas de sangue. Nem impediu separações mortais. Filhos dão muita alegria. Mas também tenho dores de parto todos os dias. O mundo falhou para mim, eu falhei para o mundo. Portanto não quero mais amar. O que me resta? Viver automaticamente até que a morte natural chegue. Mas sei que não posso viver automaticamente: preciso de amparo e é do amparo do amor.

Eu tenho recebido amor. Duas pessoas adultas quiseram que eu fosse madrinha delas. Um afilhado de batismo mesmo eu tenho: é Cássio, filho de Maria Bonomi e de Antunes Filho. E eu me ofereci para ser madrinha suplente de uma jovem que quer o meu amor. Dela a seguinte carta, do Rio mesmo: "Sabe, ontem acordei colorida. Assim porque vi uma porção de coisas sempre vistas e nunca vistas, amei o movimento da vida, sabe como é, um dia que a gente tem olhos para ver. E foi tão bonito que te dei meu dia. O presente é meio mixo para a gente linda-tão-linda que tu me destes (vou conversar com ela quando estiver sozinha) mas foi tão bonito e grande e claro. Hoje estou a mesma chata de sempre, que não sabe telefonar e nem dizer que gosta da madrinha."

O mais curioso é que as duas afilhadas adultas que tenho – uma inteiramente diferente da outra – o mais curioso é que eu é quem tenho sido ajudada por elas. O que será que lhes dei a ponto de me quererem como madrinha?

Voltando ao meu cansaço, estou cansada de tanta gente me achar simpática. Quero os que me acham antipática porque com esses eu tenho afinidade: tenho profunda antipatia por mim.

O que farei de mim? Quase nada. Não vou escrever mais livros. Porque se escrevesse diria minhas verdades tão duras que seriam difíceis de serem suportadas por mim e pelos outros. Há um limite de se ser. Já cheguei a esse limite.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

o suéter

Aconteceu-me ganhar um suéter. Até aí tudo parece simples. Mas não é.

Quem me mandou o suéter foi uma moça que não conheço. Sei por intermédio de um amigo comum que a moça desenha extraordinariamente bem. Mora em São Paulo. Quando esteve no Rio almoçou com nosso amigo. Estava com um suéter tão bonito que meu amigo achou que ficaria bem em mim e encomendou um exatamente igual ao dela. Aconteceu porém que a moça é minha leitora — ou estou enganada? — e quando soube para quem era o presente fez questão de ser ela própria a dá-lo a mim. O amigo aceitou.

E eis-me dona de repente do suéter mais bonito que os homens da terra já criaram. É de um vermelho-luz e parece captar tudo o que é bom para ele e para mim. Esta é a sua alma: a cor. Estou escrevendo antes de sair de casa, e com o suéter. Aliada à sua cor de flama e chama, ele me foi dado com tanto carinho que me envolve toda e me tira qualquer frio de quem se sinta solitária. É uma carícia de grande amizade. Hoje vou sair com ele pela primeira vez. Está ligeiramente justo demais, porém é possível que assim deva ser: admitindo como gloriosa a condição feminina. Terminada essa nota vou me perfumar com um perfume que é meu segredo: gosto das coisas secretas. E estarei pronta para enfrentar o frio não só o real como os outros.

Sou uma mulher a mais.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

olhava longe, sem rancor

Era sábado e estávamos convidados para o jantar de obrigação. Mas cada um de nós gostava demais de sábado para gastá-lo com um casal fora de moda. Cada um fora alguma vez feliz e ficara com a marca do desejo. Eu, eu queria tudo. E nós ali presos, como se nosso trem tivesse descarrilado e fôssemos obrigados a pousar entre estranhos. Ninguém ali me queria, eu não queria a ninguém. Quanto a meu sábado – que fora da janela se balançava em acácias e sombras – eu preferia, a gastá-lo mal, fechá-lo na mão dura, aquele sábado perdido, onde eu o amarfanhava como a um lenço. À espera do jantar, bebíamos sem prazer, à saúde do ressentimento: amanhã já seria domingo. Não é com você que eu quero, dizia nosso olhar sem umidade, e soprávamos devagar a fumaça do cigarro seco. A avareza de não repartir o sábado ia pouco a pouco roendo e avançando como ferrugem, até que qualquer alegria seria um insulto à alegria maior.

Só a dona da casa parecia não economizar o sábado para usá-lo em melhor companhia. Ela, no entanto, cujo coração já conhecera outros sábados. Como pudera se esquecer que se quer mais e mais? Não se impacientava sequer com o grupo heterogêneo, sonhador e resignado que na sua casa só esperava como pela hora do primeiro trem partir, qualquer trem – menos ficar naquela estação vazia, menos ter que refrear o cavalo que correria de coração batendo para outros, outros cavalos.

Passamos afinal à sala para um jantar que não tinha a bênção da fome. E foi quando surpreendidos deparamos com a mesa. Não podia ser para nós... Era uma mesa para homens de boa vontade. Quem seria o conviva realmente esperado e que não viera? Mas éramos nós mesmos. Então aquela mulher dava o melhor não importava para quem? E lavava contente os pés do primeiro estrangeiro. Constrangidos, olhávamos.

A mesa fora coberta por uma solene abundância. Sobre a toalha branca amontoavam-se espigas de trigo. E maçãs vermelhas, enormes cenouras amarelas, redondos tomates de pele quase estalando, chuchus de um verde líquido, abacaxis malignos na sua selvageria, laranjas alaranjadas e calmas, maxixes eriçados como porcos-espinhos, pepinos que se fechavam duros sobre a própria carne aquosa, pimentões ocos e avermelhados que ardiam nos olhos – tudo emaranhado em barbas e barbas úmidas de milho, ruivas como junto de uma boca. E os bagos de uva.
******ebook converter DEMO Watermarks*******

As mais roxas das uvas pretas e que mal podiam esperar pelo instante de serem esmagadas. E não lhes importava esmagadas por quem – como a dona da casa tempos atrás. Os tomates eram redondos para ninguém: para o ar, para o redondo ar. Sábado era de quem viesse. E a laranja adoçaria a língua de quem primeiro chegasse. Junto do prato de cada mal-convidado, a mulher que lavava pés de estranhos pusera – mesmo sem nos eleger, mesmo sem nos amar – um ramo de trigo ou um cacho de rabanetes ardentes ou uma talhada vermelha de melancia com seus alegres caroços. Tudo cortado pela acidez espanhola que se adivinhava nos limões verdes. Nas bilhas estava o leite, como se tivesse atravessado com as cabras o deserto dos penhascos. Vinho, quase negro de tão pisado, estremecia em vasilhas de barro. Tudo diante de nós. Tudo limpo do retorcido desejo humano. Tudo como é, não como quiséramos. Só existindo, e todo. Assim como existe um campo. Assim como as montanhas. Assim como homens e mulheres, e não nós, os ávidos. Assim como um sábado. Assim, como apenas existe. Existe.

Em nome de nada, era hora de comer. Em nome de ninguém, era bom. Sem nenhum sonho. E nós pouco a pouco a par da noite, pouco a pouco anonimizados, crescendo, maiores à altura da vida possível. Então, como fidalgos camponeses, aceitamos a mesa.

Não havia holocausto: aquilo tudo queria tanto ser comido quanto nós queríamos comê-lo. Nada guardando para o dia seguinte, ali mesmo ofereci o que eu sentia àquilo que me fazia sentir. Era um viver que eu não pagara de antemão com o sofrimento da espera, fome que nasce quando a boca já está perto da comida. Porque agora estávamos com fome, fome inteira que abrigava o todo e as migalhas. Quem bebia vinho, com os olhos tomava conta do leite. Quem, lento bebeu leite, sentiu o vinho que o outro bebia. Lá fora Deus nas acácias. Que existiam. Comíamos. Como quem dá água ao cavalo. A carne trinchada foi distribuída. A cordialidade era rude e rural. Ninguém falou mal de ninguém porque ninguém falou bem de ninguém. Era reunião de colheita, fez-se trégua mesmo às saudades. Comíamos. Com uma hora de seres vivos, cobríamos gradualmente a terra. Ocupados com quem lavra a existência, e planta, e colhe, e mata, e vive, e morre, e come. Comi com a honestidade de quem não engana o que come: comi aquela comida, não o seu nome. Nunca Deus foi tomado pelo que Ele é. A comida dizia, rude, feliz, austera: come, come e reparte. Aquilo tudo me pertencia, aquela era a mesa de meu pai. Comi sem ternura, como sem a paixão da piedade. E sem me oferecer à esperança. Comi sem saudade nenhuma. E eu bem valia aquela comida. Porque nem sempre posso ser a guardiã de meu irmão, e não posso ser a minha

******ebook converter DEMO Watermarks*******

guardiã, ah não me quero mais: não quero formar a vida porque a existência já existe. Existe como um chão onde todos nós avançamos. Sem uma palavra de amor. Sem uma palavra. Mas teu prazer entende o meu. Nós somos fortes e nós comemos. Pão é amor entre estranhos.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

liberdade

Com uma amiga chegamos a um tal ponto de simplicidade ou liberdade que às vezes eu telefono e ela responde: não estou com vontade de falar. Então eu digo até logo e vou fazer outra coisa.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

amor a ele

Através de meus graves erros – que um dia eu talvez os possa mencionar sem me vangloriar deles – é que cheguei a poder amar. Até esta glorificação: eu amo o Nada. A consciência de minha permanente queda me leva ao amor do Nada. E desta queda é que começo a fazer minha vida. Com pedras ruins levanto o horror, e com horror eu amo. Não sei o que fazer de mim, já nascida, senão isto: Tu, Deus, que eu amo como quem cai no nada.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

três encontros que são quatro

Foi triste o encontro. Não via esta pessoa há muito tempo mesmo. Fiquei surpreendida: a alma desta pessoa tinha murchado e pendia solta sem sequer aflição. Tentei como pude insuflar-lhe vida como se insufla vida num afogado. Mas a pessoa não queria se salvar. Continuava *bacana* e de caráter imaculado. Perdeu-se, porém. É urgente que ele se encontre consigo próprio. Só então passará a ter sentimentos.

O segundo encontro foi rapidíssimo: coisa de tomar o mesmo elevador. Há muito tempo eu não via essa pessoa. E o que vi me agradou: era uma pessoa cansada porém em plena atividade.

O terceiro encontro – como nos *Três Mosqueteiros* que na verdade são quatro – foi duplo: revi as duas filhas de Aluísio e Solange Magalhães. Uma tem meu nome e é engraçado a gente se falar. Parece que se está tendo o diálogo perfeito. Deu-me dois quadros por ela desenhados e em um deles escreveu: "Para Clarice de Clarice." E havia a quarta mosqueteira que era Carolina. São o que se pode esperar de uma criança: limpidez e pureza e criatividade e afeto e naturalidade. Foi um encontro feliz.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

dies irae

Amanheci em cólera. Não, não, o mundo não me agrada. A maioria das pessoas estão mortas e não sabem, ou estão vivas com charlatanismo. E o amor, em vez de dar, exige. E quem gosta de nós quer que sejamos alguma coisa de que eles precisam. Mentir dá remorso. E não mentir é um dom que o mundo não merece. E nem ao menos posso fazer o que uma menina semiparalítica fez em vingança: quebrar um jarro. Não sou semiparalítica. Embora alguma coisa em mim diga que somos todos semiparalíticos. E morre-se, sem ao menos uma explicação. E ter empregadas, chamemo-las de uma vez de criadas, é uma ofensa à humanidade. E ter a obrigação de ser o que se chama de apresentável me irrita. Por que não posso andar em trapos, como homens que às vezes vejo na rua com barba até o peito e uma bíblia na mão, esses deuses que fizeram da loucura um meio de entender? E por que, só porque eu escrevi, pensam que tenho que continuar a escrever? Avisei a meus filhos que amanheci em cólera, e que eles não ligassem. Mas eu quero ligar. Quereria fazer alguma coisa definitiva que rebentasse com o tendão tenso que sustenta meu coração.

E os que desistem? Conheço uma mulher que desistiu. E vive razoavelmente bem: o sistema que arranjou para viver é ocupar-se. Nenhuma ocupação lhe agrada. Nada do que eu já fiz me agrada. E o que fiz com amor estraçalhou-se. Nem amar eu sabia, nem amar eu sabia. E criaram o Dia dos Analfabetos. Só li a manchete, recusei-me a ler o texto. Recuso-me a ler o texto do mundo, as manchetes já me deixam em cólera. E comemora-se muito. E guerreia-se o tempo todo. Todo um mundo de semiparalíticos. E espera-se inutilmente o milagre. E quem não espera o milagre está ainda pior, ainda mais jarros precisaria quebrar. E as igrejas estão cheias dos que temem a cólera de Deus. E dos que pedem a graça, que seria o contrário da cólera.

Não, não tenho pena dos que morrem de fome. A ira é o que me toma. E acho certo roubar para comer. — Acabo de ser interrompida pelo telefonema de uma moça chamada Teresa que ficou muito contente de eu me lembrar dela. Lembro-me: era uma desconhecida, que um dia apareceu no hospital, durante os quase três meses onde passei para me salvar do incêndio. Ela se sentara, ficara um pouco calada, falara um pouco. Depois foi embora. E agora me telefonou para ser franca: que eu não escreva no jornal nada de crônicas ou coisa parecida. Que ela e muitos

******ebook converter DEMO Watermarks*******

querem que eu seja eu própria, mesmo que remunerada para isso. Que muitos têm acesso a meus livros e que me querem como sou no jornal mesmo. Eu disse que sim, em parte porque também gostaria que fosse sim, em parte para mostrar a Teresa, que não me parece semiparalítica, que ainda se pode dizer sim.

Sim, meu Deus. Que se possa dizer sim. No entanto neste mesmo momento alguma coisa estranha aconteceu. Estou escrevendo de manhã e o tempo de repente escureceu de tal forma que foi preciso acender as luzes. E outro telefonema veio: de uma amiga perguntando-me espantada se aqui também tinha escurecido. Sim, aqui é noite escura às dez horas da manhã. É a ira de Deus. E se essa escuridão se transformar em chuva, que volte o dilúvio, mas sem a arca, nós que não soubemos fazer um mundo onde viver e não sabemos na nossa paralisia como viver. Porque se não voltar o dilúvio, voltarão Sodoma e Gomorra, que era a solução. Por que deixar entrar na arca um par de cada espécie? Pelo menos o par humano não tem dado senão filhos, mas não a outra vida, aquela que, não existindo, me fez amanhecer em cólera.

Teresa, quando você me visitou no hospital, viu-me toda enfaixada e imobilizada. Hoje você me veria mais imobilizada ainda. Hoje sou a paralítica e a muda. E se tento falar, sai um rugido de tristeza. Então não é cólera apenas? Não, é tristeza também.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

o grupo

Tive um dia desses um almoço alegre e melancólico. Tratava-se do reencontro de três ex-colegas da Faculdade Nacional de Direito. A atmosfera lembra a do livro e do filme *O Grupo*, menos as confidências que não fizemos. Reencontro alegre porque gostávamos umas das outras, porque a comida estava boa e tínhamos fome. Melancólico porque a vida trabalhara muito em nós, e ali estávamos sorridentes, firmes. E melancólico também porque nenhuma de nós terminara sendo advogada. Advogada, meu Deus. Era só o que me faltava, eu que me atrapalho em lidar burocraticamente com o mais simples papel.

Melancólico porque havíamos perdido tantos anos de estudo à toa. Estudo? Só uma de nós estudara mesmo, filha de famoso jurista que era. Quanto a mim, a escolha do curso superior não passou de um erro. Eu não tinha orientação, havia lido um livro sobre penitenciárias, e pretendia apenas isto: reformar um dia as penitenciárias do Brasil. San Tiago Dantas uma vez disse que não resistia à curiosidade e perguntou-me o que afinal eu fora fazer num curso de Direito. Respondi-lhe que Direito Penal me interessava. Retrucou: "Ah bem, logo adivinhei. Você se interessou pela parte literária do Direito. Quem é jurista mesmo gosta é de Direito Civil." A saudade que tenho de San Tiago.

Voltando ao grupo: nós nos despedimos alegres ou tristes? Não sei. Em mim havia um certo estoicismo, em relação a ter tido uma parte de meu passado tão inútil. Ora, mas quantas outras coisas inúteis eu já havia vivido. Uma vida é curta: mas, se cortarmos os seus pedaços mortos, curtíssima ela fica. Transforma-se numa vida feita de alguns dias apenas? Bem, mas é preciso não esquecer que a parte inútil fora, na hora, vivida com tanto ardor (por Direito Penal). O que de algum modo paga a pena.

Saí da casa de minha amiga para um sol de três horas da tarde, e num bairro que raramente frequento, Urca. O que mais acresceu a minha perdição. Estranhei tudo. E, por me estranhar, vi-me por um instante como sou. Gostei ou não? Simplesmente aceitei. Tomei um táxi que me deixaria em casa, e refleti sem amargura: muita coisa inútil na vida da gente serve como esse táxi: para nos transportar de um ponto útil a outro. E eu nem quis conversar com o chofer.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

******ebook converter DEMO Watermarks*******

supondo o certo

Suponhamos que o telefone ande em toda a cidade enguiçado, o que é verdade. Suponhamos que eu faça uma ligação, e dê sinal de ocupado, o que é verdade. Suponhamos que de repente o sinal de desocupado está soando em chamada, o que é verdade. Suponhamos que não atendam, o que é verdade. Suponhamos que em vez de ser atendido o número discado, ouço uma linha cruzada, o que é verdade. Suponhamos que por curiosidade simples passo a ouvir a conversa entre um homem e uma mulher, o que é verdade. Suponhamos que, no final da conversa, eu ouça uma frase límpida, o que é verdade. Suponhamos que a frase límpida seja "Deus te abençoe", o que é verdade. Suponhamos que eu me sinta então abençoada, pois a frase foi também para mim, o que é verdade? Sim. A frase era para mim. Não suponho mais. Digo apenas "sim".

******ebook converter DEMO Watermarks*******

os grandes amigos

Não é que fôssemos amigos de longa data. Conhecemo-nos apenas no último ano de escola. Desde esse momento estávamos juntos a qualquer hora. Há tanto tempo precisávamos os dois de um amigo que nada havia que não confiássemos um ao outro. Chegamos a um ponto de amizade que não podíamos mais guardar um pensamento: um telefonava logo ao outro, marcando encontro imediato. Depois da conversa, sentíamo-nos tão contentes como se nos tivéssemos presenteado a nós mesmos. Este estado de comunicação contínua chegou a tal exaltação que, no dia em que nada tínhamos a nos confiar, procurávamos com alguma aflição um assunto. Só que o assunto havia de ser grave, pois em qualquer um não caberia a veemência de uma sinceridade pela primeira vez experimentada.

Já nesse tempo apareceram os primeiros sinais de perturbação entre nós. Às vezes um telefonava, encontrávamo-nos, e nada tínhamos a nos dizer. Éramos muito jovens e não sabíamos ficar calados. De início, quando começou a faltar assunto, tentamos comentar as pessoas. Mas bem sabíamos que já estávamos adulterando o núcleo da amizade. Tentar falar sobre nossas mútuas namoradas também estava fora de cogitação, pois um homem não fala de seus amores. Experimentamos ficar calados — mas tornávamo-nos inquietos logo depois de nos separarmos.

Minha solidão, na volta de tais encontros, era grande e árida. Cheguei a ler livros para poder falar deles. Mas uma amizade sincera queria a sinceridade mais pura. À procura desta, eu começava a me sentir vazio. Nossos encontros eram cada vez mais decepcionantes. Minha sincera pobreza revelava-se aos poucos. Também ele, eu sabia, chegara ao impasse de si mesmo.

Foi quando, tendo minha família se mudado para São Paulo, e ele morando sozinho, pois sua família era do Piauí, foi quando o convidei a morar em nosso apartamento, que ficara sob a minha guarda. Que rebuliço de alma. Radiantes arrumávamos nossos livros e discos, preparávamos um ambiente perfeito para a amizade. Depois de tudo pronto, eis-nos dentro de casa de braços abanando, mudos, cheios apenas de amizade.

Queríamos tanto salvar o outro. Amizade é matéria de salvação.

Mas todos os problemas já tinham sido tocados, todas as possibilidades estudadas. Tínhamos apenas essa coisa que havíamos procurado sedentos até então e enfim encontrado: uma amizade sincera. Único modo, sabíamos, e com que

******ebook converter DEMO Watermarks*******

amargor sabíamos, de sair da solidão que um espírito tem no corpo.

Mas como se nos revelava sintética a amizade. Como se quiséssemos espalhar em longo discurso um truísmo que uma palavra esgotaria. Nossa amizade era tão insolúvel como a soma de dois números: inútil querer desenvolver para mais de um momento a certeza de que dois e três são cinco.

Tentamos organizar algumas farras no apartamento, mas não só os vizinhos reclamaram, como não adiantou.

Se ao menos pudéssemos prestar favores um ao outro. Mas nem havia oportunidade, nem acreditávamos em provas de uma amizade que delas precisava. O que mais podíamos fazer era o que fazíamos: saber que éramos amigos. O que não bastava para encher os dias, sobretudo as longas férias.

Data dessas férias o começo da verdadeira aflição.

Ele, a quem eu nada podia dar senão minha sinceridade, ele passou a ser uma acusação de minha pobreza. Além do mais, a solidão de um ao lado do outro, ouvindo música ou lendo, era muito maior do que quando estávamos sozinhos. E, mais que maior, incômoda. Não havia paz. Indo depois cada um para seu quarto, com alívio nem nos olhávamos.

É verdade que houve uma pausa no curso das coisas, uma trégua que nos deu mais esperanças do que em realidade caberia. Foi quando meu amigo teve uma pequena questão com a Prefeitura. Não é que fosse grave, mas nós a tornamos para melhor usá-la. Porque então já tínhamos caído na facilidade de prestar favores. Andei entusiasmado pelos escritórios dos conhecidos de minha família, arranjando pistolões para meu amigo. E quando começou a fase de selar papéis, corri por toda a cidade — posso dizer em consciência — que não houve firma que se reconhecesse sem ser através de minha mão.

Nessa época encontrávamo-nos de noite em casa, exaustos e animados: contávamos as façanhas do dia, planejávamos os ataques seguintes. Não nos aprofundávamos muito o que estava sucedendo, bastava que tudo isso tivesse o cunho da amizade. Pensei compreender porque os noivos se presenteiam, porque o marido faz questão de dar conforto à esposa, e esta prepara-lhe afanada o alimento, porque a mãe exagera nos cuidados ao filho. Foi, aliás, nesse período que, com algum sacrifício, dei um pequeno broche de ouro àquela que é hoje minha mulher. Só muito depois eu ia compreender que estar também é dar.

Encerrada a questão com a Prefeitura — seja dito, de passagem, com vitória nossa — continuamos um ao lado do outro, sem encontrar aquela palavra que cedera a alma. Cederia a alma? Mas afinal de contas quem queria ceder a alma? Ora essa.
******ebook converter DEMO Watermarks*******

Afinal o que queríamos? Nada. Estávamos fatigados, desiludidos.

A pretexto de férias com minha família, separamo-nos. Aliás ele também ia ao Piauí. Um aperto de mão comovido foi o nosso adeus no aeroporto. Sabíamos que não nos veríamos mais, senão por acaso. Mais que isso: que não queríamos nos rever. E sabíamos também que éramos amigos. Amigos sinceros.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

uma experiência

Talvez seja uma das experiências humanas e animais mais importantes. A de pedir socorro e, por pura bondade e compreensão do outro, o socorro ser dado. Talvez valha a pena ter nascido para que um dia mudamente se implore e mudamente se receba. Eu já pedi socorro. E não me foi negado.

Senti-me então como se eu fosse um tigre perigoso com uma flecha cravada na carne, e que estivesse rondando devagar as pessoas medrosas para descobrir quem lhe tiraria a dor. E então uma pessoa tivesse sentido que um tigre ferido é apenas tão perigoso como uma criança. E aproximando-se da fera, sem medo de tocá-la, tivesse arrancado com cuidado a flecha fincada.

E o tigre? Não, certas coisas nem pessoas nem animais podem agradecer, então eu, o tigre, dei umas voltas vagarosas em frente à pessoa, hesitei, lambi uma das patas e depois, como não é a palavra o que tem importância, afastei-me silenciosamente.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

saudade

Saudade é um pouco como fome. Só passa quando se come a presença. Mas às vezes a saudade é tão profunda que a presença é pouco: quer-se absorver a outra pessoa toda. Essa vontade de um ser o outro para uma unificação inteira é um dos sentimentos mais urgentes que se tem na vida.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

Copyright © 2010 *by* Clarice Lispector e os herdeiros de Clarice Lispector

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

CAPA
Victor Burton

PROJETO GRÁFICO
Victor Burton
Ana Paula Daudt Brandão

ORGANIZAÇÃO
Pedro Karp Vasquez

FOTO DE CAPA
© Ron Nickel/Design Pics/Corbis/Corbis (RF)/Latinstock

COORDENAÇÃO DIGITAL
Lúcia Reis

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO DIGITAL
Joana De Conti

REVISÃO DE ARQUIVO EPUB
Fabian J. Tonack

Edição Digital: julho, 2015

******ebook converter DEMO Watermarks*******

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

L753c
Lispector, Clarice, 1920-1977
Crônicas para jovens [recurso eletrônico] : de amor e amizade / Clarice Lispector ; organização Pedro Afonso Vasquez. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2015.
recurso digital (Crônicas para jovens)

ISBN 978-85-8122-575-3 (recurso eletrônico)

1. Lispector, Clarice, 1920-1977 - Literatura infantojuvenil. 2. Crônica brasileira. 3. Literatura infantojuvenil brasileira. 4. Livros eletrônicos. I. Vasquez, Pedro, 1954-. II. Título. III. Série.

15-23577 CDD: 028.5
CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

a autora

Clarice Lispector nasceu em Tchetchelnik, pequena cidade da Ucrânia, e chegou ao Brasil ainda criança de colo, naturalizando-se brasileira assim que atingiu a maioridade. Criou-se em Maceió e Recife, mudando-se aos 12 anos para o Rio de Janeiro, onde se formou em Direito, trabalhou como jornalista e iniciou sua carreira literária. Viveu muitos anos no exterior, acompanhando seu marido, diplomata brasileiro, com quem teve dois filhos. Faleceu em dezembro de 1977, no Rio de Janeiro.

******ebook converter DEMO Watermarks*******

Crônicas para jovens: de bichos e pessoas

Lispector, Clarice
9788581225975
184 páginas

Compre agora e leia

A escrita singular de Clarice Lispector sempre surpreendeu. Não

******ebook converter DEMO Watermarks*******

poderia ser diferente com suas crônicas, que trazem à luz um aspecto sempre curioso de situações corriqueiras nas relações humanas e, neste caso, também na vida dos bichos. Isto porque, para Clarice, não existe um patamar hierárquico entre as pessoas e os animais. "Às vezes me arrepio toda ao entrar em contato físico com bichos ou com a simples visão deles. Pareço ter certo medo e horror daquele ser vivo que não é humano e que tem os nossos mesmos instintos, embora mais livres e indomáveis. " Clarice afirmava que seu cachorro Dilermando era seu "melhor amigo" e a "pessoa mais pura de Nápoles". "Mas eu não humanizo os bichos, acho que é uma ofensa – há de respeitar-lhes a natura – eu é que me animalizo" , diz Clarice. As histórias contadas na obra De bichos e pessoas revelam a admiração que os humanos têm pelos animais e o quanto este universo – tão afastado e ao mesmo tempo tão próximo de nós – instiga a autora. Mais que isso, a leitura desta coletânea nos proporciona uma compreensão da razão pela qual este relacionamento – entre bichos e pessoas – pode ser tão fascinante quanto apavorante. É porque, em confronto com a visão do outro, nós nos reconhecemos, com total nitidez. Para a alegria ou para a surpresa. E este reconhecimento não ocorre apenas entre pessoas. Faz parte também da descoberta da porção animal que existe em cada ser humano, que se expressa de forma inegável quando se deixa levar pelos instintos. Ou do inesperado lado humano que se manifesta naquele aparentemente inofensivo bichinho de estimação. É uma espécie de "espelho mágico". É, sobretudo, espantoso. O livro faz parte de uma coleção que reúne crônicas, escolhidas por temas, de Clarice Lispector, com o objetivo de apresentar a faceta cronista de umas das maiores escritoras brasileiras às novas gerações de leitores.

Compre agora e leia

******ebook converter DEMO Watermarks*******

******ebook converter DEMO Watermarks*******

Sapatos estragados, galinhas falantes e outros mistérios

, Grupo Confabulando
9788581223995
64 páginas

******ebook converter DEMO Watermarks*******

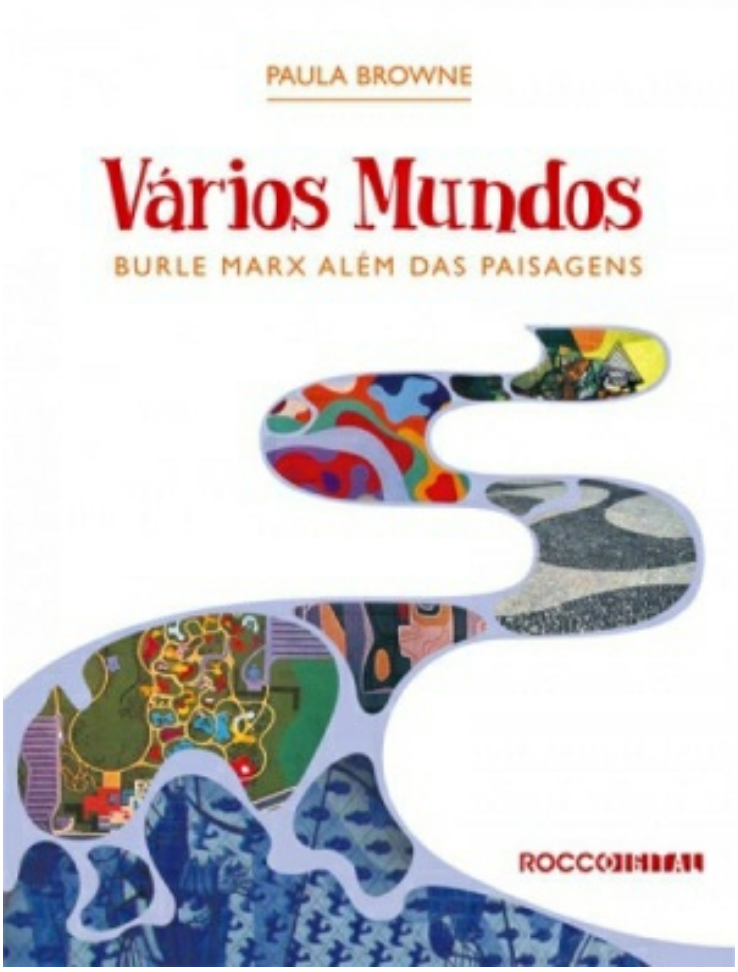
Compre agora e leia

As integrantes do grupo Confabulando revisitam sete contos de astúcia de diferentes origens em Sapatos estragados, galinhas falantes e outros mistérios. São histórias que fazem parte da tradição oral de diversas culturas em que o mais fraco vence o mais forte sem precisar usar a força, utilizando sua esperteza seja para tirar vantagem de uma situação ou simplesmente escapar de alguma enrascada, sem querer passar "lição de moral" e com muito humor. Na cultura brasileira, um dos mais conhecidos representantes dessa vertente literária é Pedro Malasartes, um caipira que de bobo não tem nada e vive ludibriando os outros com sua astúcia disfarçada de ingenuidade. Mas há centenas de personagens que lembram o esperto garoto da roça brasileiro na tradição universal. É o caso do jovem pintor do primeiro conto do livro, "O retrato do rei", que, usando de sua astúcia, conseguiu o que nenhum outro artista famoso da região havia sido capaz: pintar um retrato fiel e ao mesmo tempo que agradasse a um vaidoso rei. Além de se livrar da forca, o jovem ganhou fama e foi recompensado "com uma bolsa de ouro, duas de prata, três cavalos árabes e muitos, muitos pirilampos". No conto que dá nome ao livro, "Sapatos estragados", novamente um rapaz simplório, mas inteligente e aventureiro, leva a melhor no desafio lançado por um rei para descobrir por que os sapatos de suas 12 filhas amanheciam completamente estragados todas as manhãs, se elas haviam passado a noite toda dormindo em seu quarto. Já em "A avarenta", uma humilde empregada traça um plano para ganhar uma bolsa de moedas de prata e trinta belas galinhas da patroa pão-dura (e que escondia um importante segredo). Um livro para crianças e adultos, especialmente aqueles que sabem que boas histórias não têm idade.

Compre agora e leia

******ebook converter DEMO Watermarks*******

******ebook converter DEMO Watermarks*******



Vários Mundos

Browne, Paula
9788564126817
228 páginas

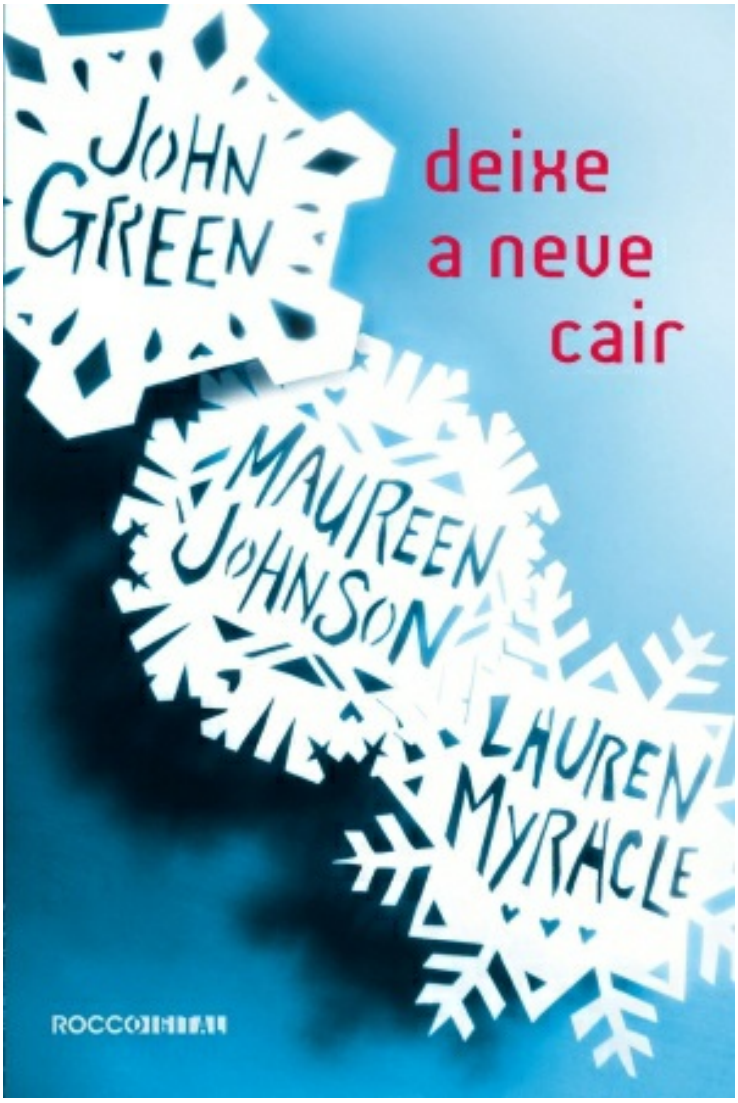
Compre agora e leia

Violeta é filha única, mora em São Paulo com os pais, está no 9º ano, adora música, cinema e televisão, tem uma melhor amiga e está apaixonada por um colega recém-chegado na escola. Além disso, precisa entregar uma pesquisa importantíssima de fim de ano,
******ebook converter DEMO Watermarks*******

trabalho de conclusão do ensino fundamental sobre o meio ambiente, e não tem a mínima ideia do que escrever. Sobrinha-bisneta de Roberto Burle Marx, a menina decide então procurar saber um pouco mais sobre a vida do tio-bisavô famoso, e acaba aprendendo muito sobre ecologia, arte, preservação ambiental e, acima de tudo, sobre a importância de olhar a vida com entusiasmo e a capacidade para enxergar beleza, harmonia e movimento nas coisas. Para ajudá-la na tarefa de investigar a trajetória do paisagista e artista de múltiplos talentos, Violeta conta com a ajuda de sua tia Isabel, irmã de seu pai e sobrinha-neta de Burle Marx. Quando criança, tia Bebel costumava frequentar o Sítio Santo Antônio da Bica, em Barra de Guaratiba, no Rio de Janeiro, com a avó Helena, irmã do "excêntrico" tio Roberto, como a menina o chamava. Lá, Burle Marx recebia familiares e amigos para animados almoços, exercitava sua criatividade, que se fazia presente em cada detalhe da decoração da casa e, principalmente, cultivava as mais variadas espécies da flora brasileira, que inebriavam os sentidos de Bebel com suas formas, cores e aromas. O sítio, hoje patrimônio cultural, foi escolhido a dedo pelo paisagista. Depois de visitar mais de cem terrenos, Burle Marx se apaixonou por aquele pedaço de terra que guardava ruínas de cerca de 1600 e apresentava as condições ideais para desenvolver o trabalho que ele queria. Sobrinha-neta de Roberto Burle Marx (1909-1994), a escritora Paula Browne homenageia seu tio-avô em Vários mundos – Burle Marx além das paisagens. Mesclando realidade, ficção e memórias, o livro apresenta para a garotada um pouco da vida e da obra de Burle Marx.

Compre agora e leia

******ebook converter DEMO Watermarks*******



Deixe a neve cair

Green, John
9788581222899
336 páginas

Compre agora e leia

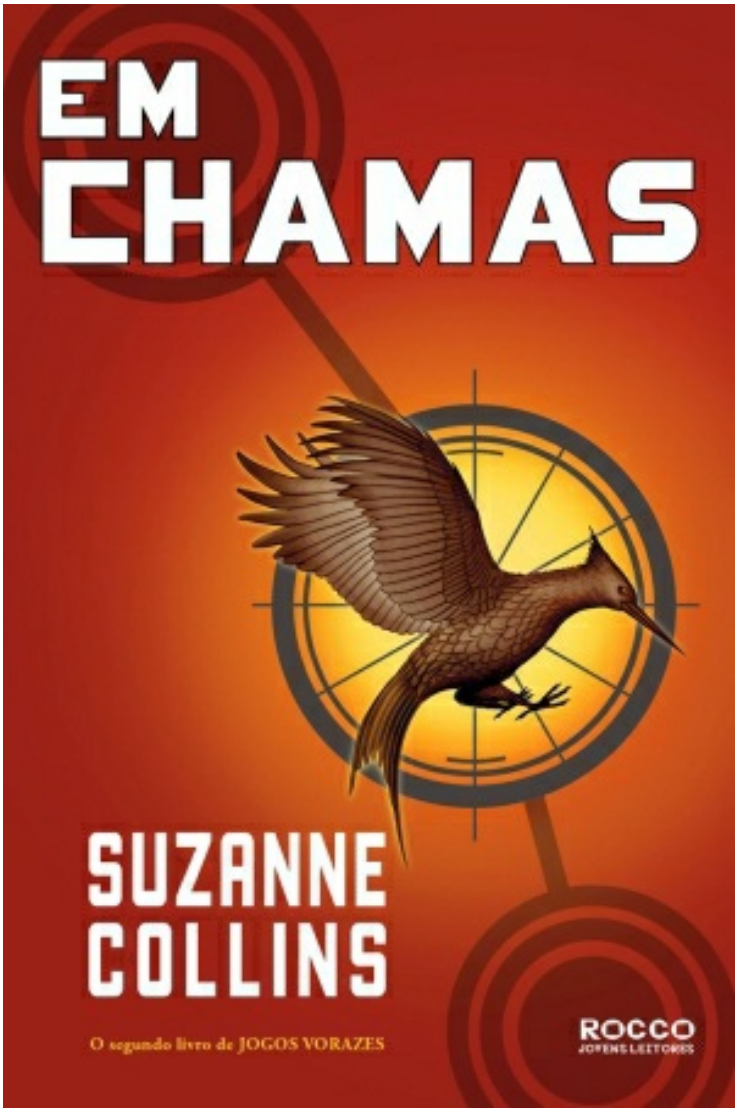
Na noite de natal, uma inesperada tempestade de neve transforma

******ebook converter DEMO Watermarks*******

uma pequena cidade num inusitado refúgio romântico, do tipo que se vê apenas em filmes. Bem, mais ou menos. Porque ficar presa à noite dentro de um trem retido pela nevasca no meio do nada, apostar corrida com os amigos no frio congelante até a lanchonete mais próxima ou lidar sozinha com a tristeza da perda do namorado ideal não seriam momentos considerados românticos para quem espera encontrar o verdadeiro amor. Mas os autores bestsellers John Green, Maureen Johnson e Lauren Myracle revelam a surpreendente magia do Natal nestes três hilários e encantadores contos de amor, interligados, com direito a romances, aventuras e beijos de tirar o fôlego. O livro Deixe a neve cair já entrou nas listas de mais vendidos da Veja, O Globo e Folha de S. Paulo.

Compre agora e leia

******ebook converter DEMO Watermarks*******



Em chamas

Collins, Suzanne
9788581220314
416 páginas

Compre agora e leia

Depois da improvável e inusitada vitória de Katniss Everdeen e Peeta

******ebook converter DEMO Watermarks*******

Mellark nos últimos Jogos Vorazes, algo parece ter mudado para sempre em Panem. Aqui e ali, distúrbios e agitações nos distritos dão sinais de que uma revolta é iminente. Katniss e Peeta, representantes do paupérrimo Distrito 12, não apenas venceram os Jogos, mas ridicularizaram o governo e conseguiram fazer todos – incluindo o próprio Peeta – acreditarem que são um casal apaixonado. A confusão na cabeça de Katniss não é menor do que a das ruas. Em meio ao turbilhão, ela pensa cada vez mais em seu melhor amigo, o jovem caçador Gale, mas é obrigada a fingir que o romance com Peeta é real. Já o governo parece especialmente preocupado com a influência que os dois adolescente vitoriosos – transformados em verdadeiros ídolos nacionais – podem ter na população. Por isso, existem planos especiais para mantê-los sob controle, mesmo que isso signifique forçá-los a lutar novamente. Apenas um sobrevive.Best-seller da Veja, a trilogia Jogos Vorazes foi adaptada para o cinema e estrelada por Jennifer Lawrence.

Compre agora e leia

******ebook converter DEMO Watermarks*******